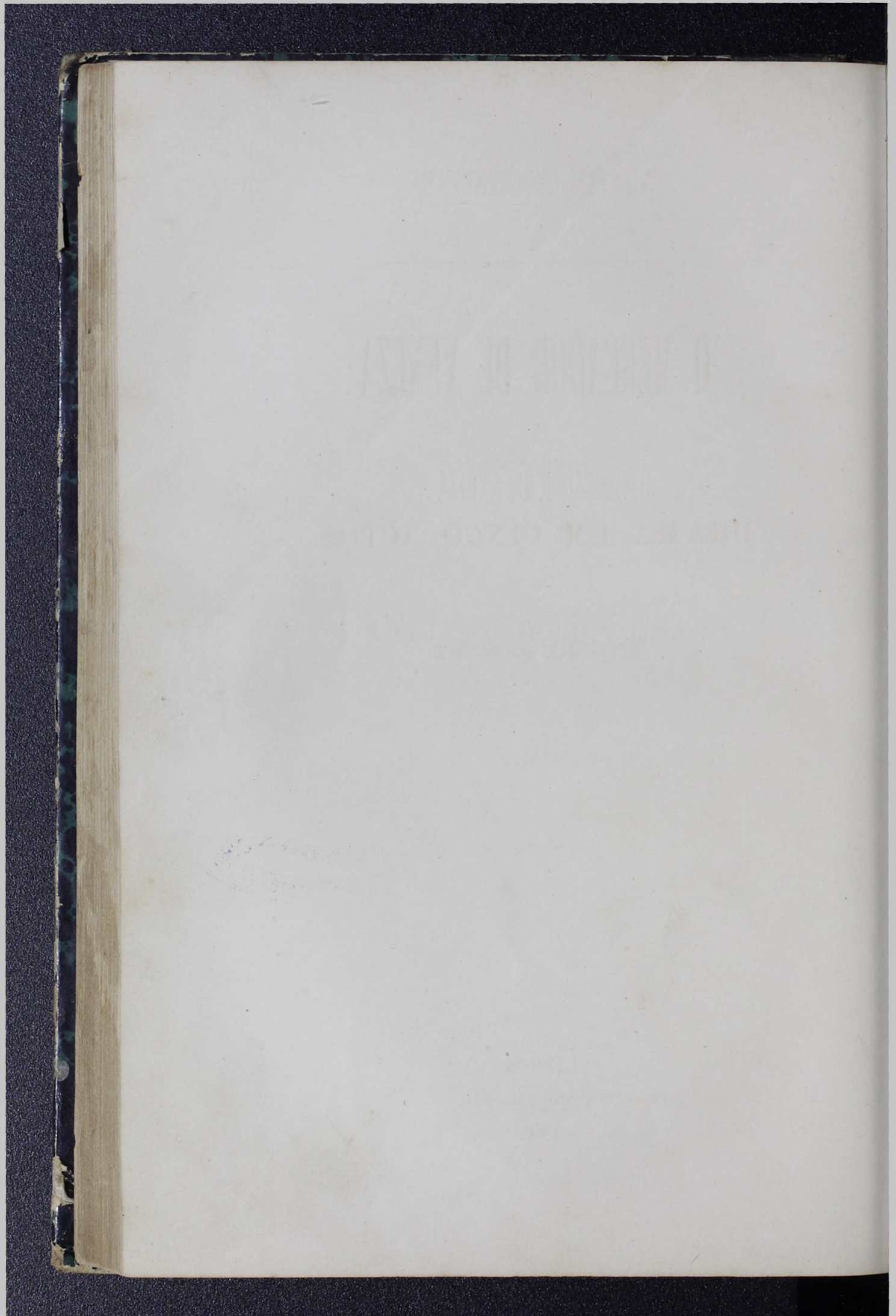


O MERCADOR DE VENEZA

DRAMA EM CINCO ACTOS



WILLIAM SHAKESPEARE

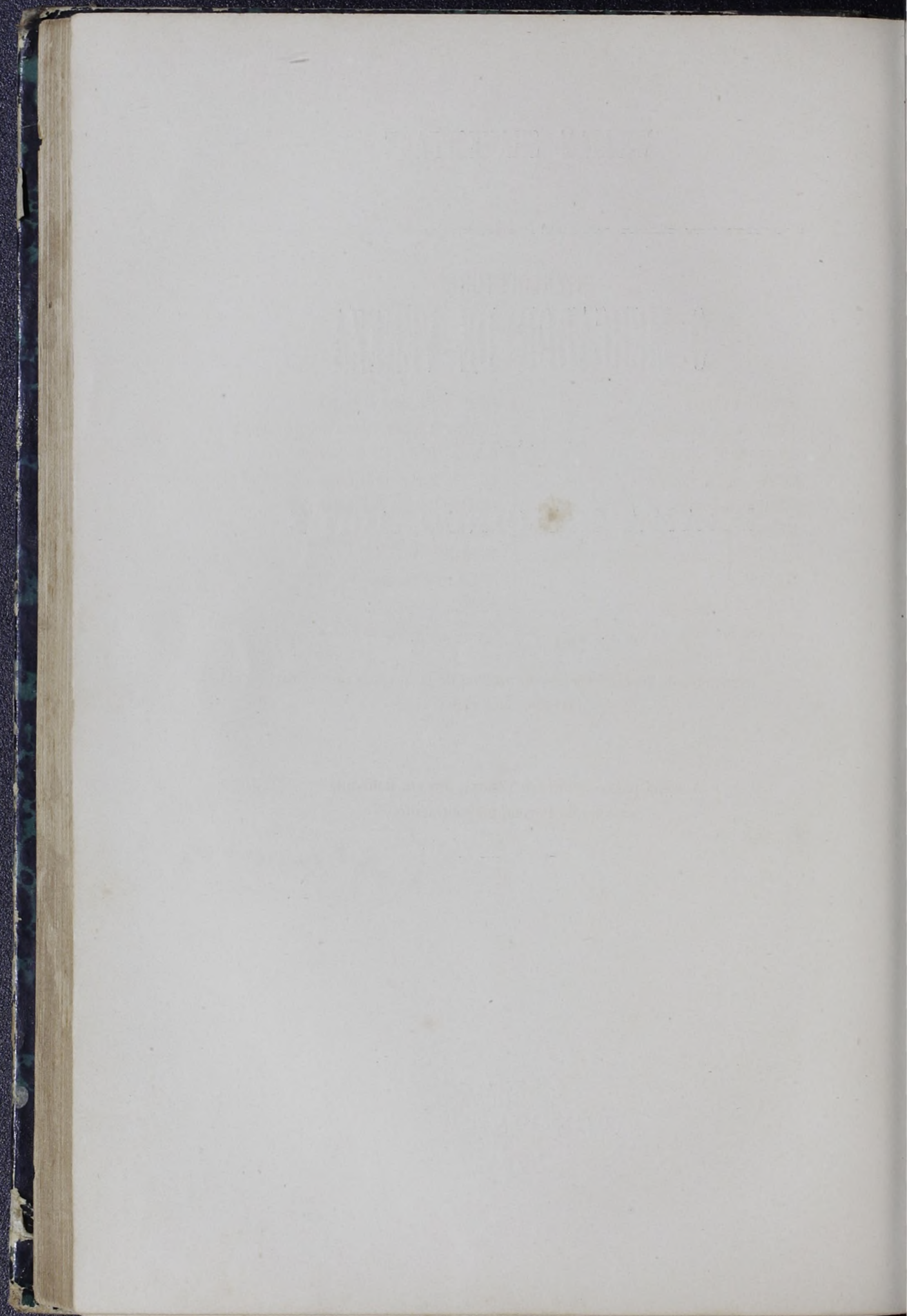
O MERCADOR DE VENEZA

—
DRAMA EM CINCO ACTOS

—
TRADUCÇÃO LIVRE



LISBOA
IMPRESA NACIONAL
1879

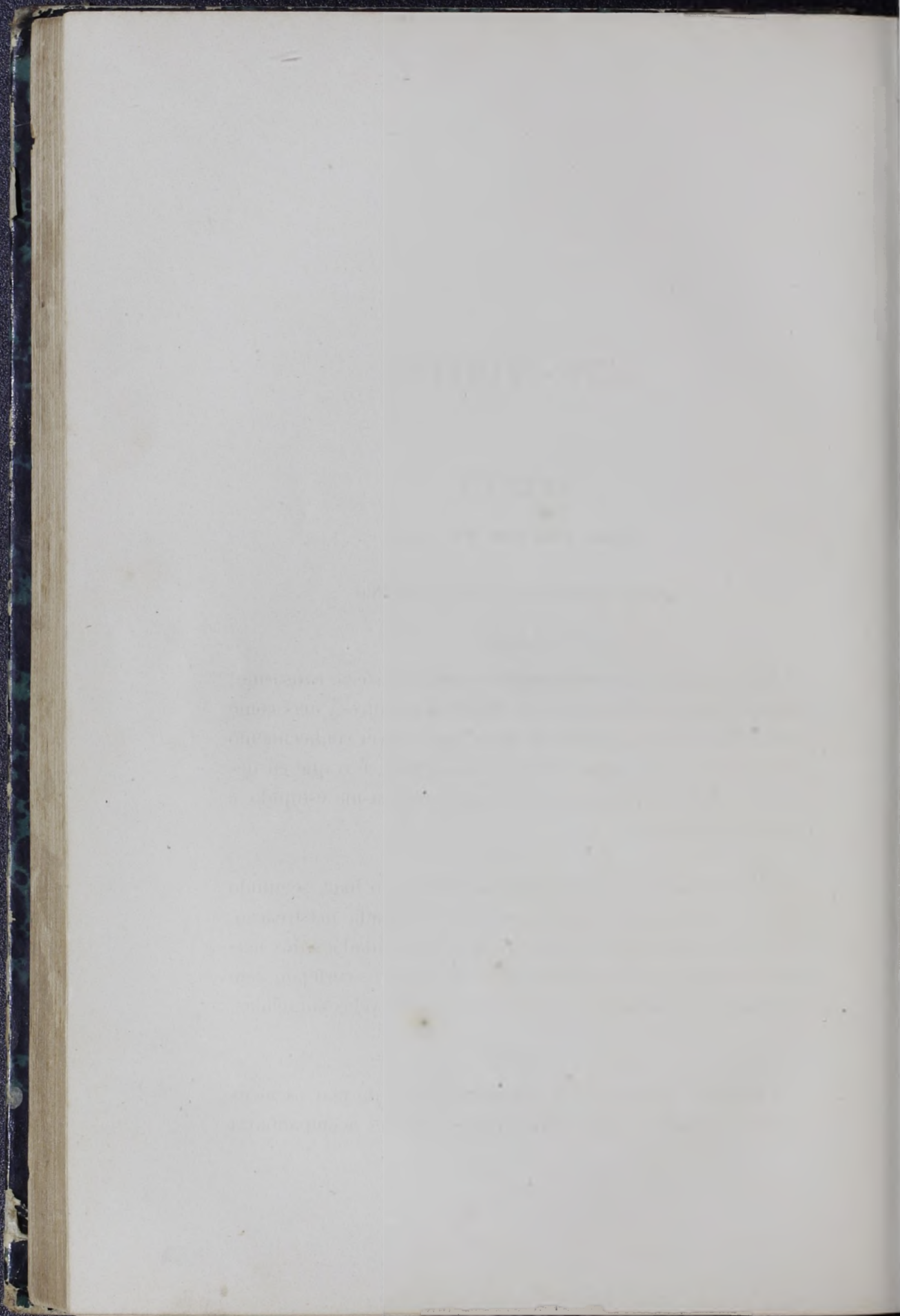


INTERLOCUTORES

O DOGE DE VENEZA.	TUBAL, judeu amigo de Shylock.
O PRINCIPE DE MARROCOS.	LANCELOTO GOBBO, bobo ao serviço de Shylock.
O PRINCIPE DE ARAGÃO.	O GOBBO VELHO, pae de Lanceloto.
ANTONIO, mercador de Veneza.	SALERIO, mensageiro de Veneza.
BASSANIO, seu amigo.	LEONARDO, creado de Bassanio.
SALANIO	BALTHAZAR
SALARINO	STEPHANO
GRACIANO	creados de Porcia.
LOURENÇO, namorado de Jessica.	PORCIA, rica herdeira.
SHYLOCK, rico judeu.	NERISSA, sua aia.
	JESSICA, judia, filha de Shylock.

Senadores de Veneza, officiaes do tribunal de justiça, um carcereiro,
creados, etc., etc.

A scena passa-se ora em Veneza, ora em Belmonte,
castello de Porcia, no continente.



ACTO PRIMEIRO

SCENA I

Uma rua em Veneza

Chegam ANTONIO, SALARINO e SALANIO

ANTONIO

Em verdade não comprehendo a minha tristeza, cansa-me; não me admira pois que cause tambem os outros; mas como me veio, como se apossou de mim, onde travei conhecimento com ella, de que estofa é feita, onde nasceu, é o que eu desejava saber: esta disposição de espirito torna-me estúpido, e mal me reconheço.

SALARINO

O seu espirito está embalado nas aguas do mar, seguindo os seus navios, que, orgulhosos da sua elevada mastreação, verdadeiros senhores do oceano, opulentos cidadãos dos mares, se avantajam ás pequenas caravelas, que os cortejam com humildade, quando elles passam com as suas vélas enfunadas.

SALANIO

Creia-me, que se tivesse confiado á sorte do mar os meus haveres, a melhor parte das minhas affeições acompanharia

de longe as minhas esperanças. Ver-me-íam arrancar as ervinhas para, expondo-as ao vento, conhecer a sua direcção, ver-me-íam ter os olhos cravados nos mappas, para n'elles achar todos os portos, molhes e enseadas de abrigo; e grande seria a minha anciedade por ver chegar a salvamento as cargas dos meus navios.

SALARINO

Soprando na sopa para a arrefecer, pensaria tremendo em todos os destroços que o vento pôde causar no mar. Não poderia ver uma ampulheta, sem me lembrar ao ver correr a areia das innumeras corôas que povoam os baixios do oceano, sem me lembrar do meu bello *Santo André* encalhado, beijando com os mastros o mar, como se beijasse a sua sepultura. Se fosse á igreja, como poderia encarar o santo edificio de marmore, sem que me viessem á memoria os escolhos dos mares, em que bastaria que os meus navios tocassem, para se despedaçarem, coalharem o mar das preciosas especiarias do Oriente, vestirem de valiosas sedas as encapelladas ondas, e da opulencia precipitarem-me na miseria. Como reflectir sobre tal assumpto, sem que nos assalte a mais triste preocupação? Podem pensar o que quizerem, mas emquanto a mim é esse o motivo da tristeza de Antonio. Pensa nas cargas dos seus navios.

ANTONIO

Não é tal, acreditem-me; tenho sido protegido pela sorte, as minhas mercadorias não se limitam á carga de um navio só, e os destinos são differentes; alem d'isso não empenhei toda a minha fortuna nas especulações d'este anno: esse não é pois o motivo da minha tristeza.

SALANIO

Então está namorado?

ANTONIO

Tal não creiam.

SALANIO

Não está namorado? então digo que está triste, porque não

está alegre: igualmente facil lhe seria rir, dansar e dizer que está alegre, porque não está triste. Por Jano bifronte, que estranhos individuos o mundo produz algumas vezes; uns têm sempre o olhar álferta, e, verdadeiros papagaios, têm como essas aves momentos de alegria sem para isso haver causa; outros têm o semblante tão severo, que não descerrariam os labios sorrindo ao ouvir um dito engraçado, capaz de fazer rir o proprio Nestor.

Chegam BASSANIO, LOURENÇO e GRACIANO

SALANIO

Eis que chega Bassanio, o seu nobre parente; vem tambem Graciano e Lourenço. Adeus, deixámol-o mais bem acompanhado.

SALARINO

Se não tivessem chegado mais dignos amigos, teria ficado até que conseguisse alegral-o.

ANTONIO

Na melhor conta tenho a sua amisade; creio comtudo que os seus negocios o chamam, e que aproveita o primeiro ensejo para se retirar.

SALARINO

Boas tardes, senhores.

BASSANIO

Quando nos encontraremos para rirmos um pouco? digam quando? é tão raro vêl-os. Isto não póde durar sempre.

SALARINO

Quando os seus negocios lh'o permittirem estamos ás suas ordens. (Salarino e Salanio saem.)

LOURENÇO

Senhor Bassanio, já que está aqui com Antonio, vou dei-

xal-os juntos; mas á hora do jantar lembre-se, peço-lh'o, do sitio em que nos devemos encontrar.

BASSANIO

Conte commigo.

GRACIANO

Está com mau parecer, senhor Antonio. Preoccupa-se demasiado com os negocios do mundo; é perda certa comprar o bom exito d'elles com cuidados exagerados. Muito mudado está, acredite-me, é a verdade.

ANTONIO

Graciano, considero o mundo como elle deve ser considerado, como um theatro, em que cada individuo é obrigado a representar uma parte, e a minha é bem triste.

GRACIANO

Pois eu quero representar na peça a parte de bobo. As rugas da idade me appareçam no seio do riso e da alegria, possa eu antes ver o vinho requeantar-me o figado, do que suspiros afflictos partirem-me o coração. Porque deve um homem que tem o sangue quente parecer a inanimada estatua de alabastro de seu avô, dormindo acordado, e creando bilis pelas ralações internas? Escute-me, Antonio, sou seu amigo, e é a minha amisade que lhe falla. Ha homens cujo rosto é agua estagnada coberta de escuma; guardam um silencio calculado, creando reputação de assisados, de gravidade e sciencia profunda, e parecem dizer: *Sou um oraculo; quando abro a bôca, nem os cães se atrevem a ladrar.* Ah! meu querido Antonio, eu conheço alguns a quem reputam assisados, só porque não fallam, e que se de tal se lembrassem, seria um supplicio para os ouvidos do proximo, e elles seriam por certo julgados loucos. Fallaremos n'outra occasião mais detidamente sobre o assumpto; não queira, pela sua tristeza, pescar a reputação d'esse

cardume de estultos. Vamos, Lourenço. (A Antonio.) Adeus, até logo, depois do jantar acabarei a minha exhortação.

LOURENÇO

Vamos deixal-o até á hora do jantar, é forçoso que me resigne a ser do numero dos sabios mudos, porque é impossivel fallar em estando presente Graciano.

GRACIANO

Pois bem, vivesse commigo durante dois annos; aposto que já não seria capaz de distinguir o som da sua propria voz.

ANTONIO

Adeus, vejo que por esse meio era capaz de me tornar até a mim um fallador.

GRACIANO

Tanto melhor, porque o silencio só se póde tolerar n'uma lingua fumada, ou n'uma donzella que não se quer prostituir.

(Graciano e Lourenço saem.)

ANTONIO

Achou algum sentido nas suas palavras?

BASSANIO

Graciano é o homem em Veneza que melhor sabe dizer banalidades e enfeitar *nadas*; as suas rasões são como dois grãos de trigo entre dois mólhos de palha; é preciso procurar um dia inteiro para os achar, e uma vez achados não valem o trabalho que custaram.

ANTONIO

Muito bem, mas diga-me agora quem é essa senhora a cujo respeito me prometteu fallar, e junto da qual tenciona fazer mysteriosa peregrinação?

BASSANIO

Não ignora de certo, Antonio, como arrisquei a minha

fortuna, adoptando um genero de vida que a exiguidade dos meus recursos não me permittia continuar. Não me lastimo de ter que baixar d'essa elevada existencia: o meu empenho todo é livrar-me com honra das dividas consideraveis com que me sobrecarregou a minha mocidade demasiado prodiga. A Antonio é que a minha bolsa e o meu coração são mais devedores, e é á sua amisade que vou confiar os meus projectos e os meios que tenho em vista para saldar todas as minhas dividas.

ANTONIO

Diga-m'os, meu caro Bassanio, e se forem honrosos, como a sua pessoa me dá direito a crer, conte com o auxilio da minha bolsa, pessoa e haveres.

BASSANIO

Quando andava na escola e me acontecia perder uma setta despedia logo outra na mesma direcção, seguindo-a attentamente no ar, e, arriscando duas, a maior parte das vezes achava-as ambas. Conto-lhe esta brincadeira, porque o raciocinio que vae ouvir não é menos pueril. Devo-lhe muito, e como se póde suppor da parte de um rapaz extravagante, declaro-lhe francamente que o que lhe devo julgal-o-ha perdido; mas se quizer despedir uma segunda setta na direcção da primeira, tenho a certeza de encontrar ambas, seguindo-a no ar, ou pelo menos de lhe entregar a segunda, ficando emquanto á primeira o seu devedor obrigadissimo.

ANTONIO

Conhecendo-me, para que emprega rodeios com um amigo; magoa-me mais pondo em duvida a minha dedicação, do que malbaratando todos os meus haveres. Diga-me o que pretende, conhecendo até onde chegam as minhas posses, achar-me-ha prompto a servil-o; portanto falle.

BASSANIO

No castello de Belmonte pousa uma joven herdeira, bella,

que não ha expressões condignas para elogiar a sua belleza; ninguem a iguala em qualidades brilhantes e prendas; quantas vezes seus olhos me fallaram ao coração, mudos mas dizendo tanto. Chama-se Porcia, mas muito superior á filha de Catão, á Porcia de Bruto. Todos conhecem quanto ella vale, e a sua fama attrahe-lhe os innumerados pretendentes, que de toda a parte se apresentam aspirando á sua mão. Os anneis dos seus louros cabellos cobrem-lhe a fronte como um vello de ouro; e para o conquistar mais de um Jasão chega de distantes terras ao castello de Belmonte, como a nova Colchida. Ah! caro Antonio, se eu tivesse meios para hobrear com elles, tenho fé que não subiria debalde as escadas do castello.

ANTONIO

Sabe que todos os meus haveres estão confiados ao oceano; estou n'este momento falto de meios, e ser-me-ia impossivel reunir uma quantia mais avultada: experimente comtudo quanto póde o meu credito em Veneza, e tudo farei para lhe facilitar a entrada no castello de Belmonte até junto da bella Porcia; indague onde se possa obter dinheiro; outro tanto farei, e não duvido que o meu credito e a minha consideração pessoal m'o obtenham. (Sãem.)

SCENA II

Belmonte, um quarto no castello de Porcia

Entram PORCIA e NERISSA

PORCIA

Nerissa, sinto-me tão cansada com estas contínuas recepções de pretendentes.

NERISSA

Mais o estaria, senhora, se tantas fossem as suas afflicções quantas são as suas venturas; e comtudo, pelo que vejo, padece-se tanto pela exagerada abundancia como pela extrema mi-

seria. A verdadeira felicidade está na mediania, o superfluo faz crear cãs mais cedo; mas o honrado bem estar faz viver mais tempo.

PORCIA

Bellas maximas, na verdade, e perfeitamente enunciadas.

NERISSA

Mais valor têm ainda quando são seguidas e não falladas.

PORCIA

Se o fazer fosse tão facil como o saber o que se ha de fazer, as capellas seriam igrejas e as choças dos pobres, palacios. É bom prégador o que segue á risca as doutrinas dos seus discursos. É mais facil ensinar a vinte pessoas o que cumpre fazer, do que ser um dos vinte e pôr em execução os proprios conselhos. O cerebro pôde dictar leis aos sentidos, mas um temperamento ardente despreza as frias leis. A louca juventude é uma lebre que salta em claro as redes da rasão impotente. Mas estes raciocinios nada adiantam para a escolha de um marido. Eu, escolher!! Infelizmente, nem posso escolher o que me agrada, nem recusar o que detesto; a vontade da filha viva está sujeita aos preceitos de um pae morto. Muito custa, Nerissa, não poder escolher ou rejeitar pessoa alguma!

NERISSA

Seu pae era um homem virtuoso, e as almas santas sempre tiveram á hora da morte boas inspirações. Esteja portanto convencida que a loteria que elle imaginou com estes tres cofres de ouro, prata e chumbo, e pela qual pertencerá áquelle que escolher o cofre por elle indicado, não lhe trará um homem indigno do seu amor. Mas entre os illustres apaixonados que aqui se acham, haverá algum ao qual se incline o seu coração?

PORCIA

Repete-me os nomes; á medida que os nomeares, eu

t'os descreverei, e pelo que eu disser poderás julgar da minha affeição.

NERISSA

Ha, em primeiro logar, um principe napolitano.

PORCIA

É um joven pretencioso, que não falla senão do cavallo, e que julga grande merecimento sabel-o ferrar; Deus me perdoe, perdoe, mas a mãe teve por força amores com algum ferrador.

NERISSA

Depois ha um conde palatino.

PORCIA

É um homem que tem sempre o parecer carregado. Parece estar sempre a dizer: *Quer-me? Sim ou não, escolha.* Ouve, sem mesmo sorrir, os contos mais alegres; receio que com os annos se torne um philosopho lagrimejante, visto ser já tão triste na juventude. Antes queria casar com uma caveira com um osso atravessado na bôca, do que desposar um d'elles. Deus me livre de tal!

NERISSA

E que lhe parece o fidalgo francez?

PORCIA

É creatura de Deus, e não me opponho a que seja homem. Sei que é peccado escarnecer do proximo, mas elle possui um melhor cavallo que o napolitano, e tem em mais elevado grau do que o conde palatino, o mau costume de estar sempre com o semblante carregado; é tudo e não é nada. Se um melro cantar, começa logo a dansar, esgrime com a propria sombra; desposando-o, casava com vinte maridos differentes. Perdoava-lhe se me desprezasse, porque ainda que me amasse apaixonadamente nunca poderia retribuir-lhe o seu amor.

NERISSA

Que me diz de Falcombridge, o joven barão inglez?

PORCIA

Sabes perfeitamente que não podemos trocar duas palavras; elle não me comprehende, nem eu a elle; não sabe nem latim, nem francez, nem italiano, e tu poderias jurar diante da justiça que nada sei de inglez. É uma bonita estampa de homem; mas que conversação se pôde ter com uma estatua? Então o vestuario, parte parece comprado em Italia, parte em França, parte em Allemanha; os modos adquiriu-os cada um em seu paiz differente.

NERISSA

Que conceito faz do lord escocez?

PORCIA

Julgo-o cheio de caridade com o proximo, porque, recebendo uma bofetada do inglez, jurou que lh'a retribuiria quando tivesse occasião; se não me engano, o francez prestou a sua garantia com um nome supposto.

NERISSA

E o joven allemão, sobrinho do duque de Saxe?

PORCIA

Detestavel de manhã quando ainda está em jejum, e ainda peor á tarde quando está ebrio. Nos melhores momentos é um pouco menos do que um homem, e nos peiores pouco se avanta a um animal. Encarando tudo pelo peor lado, hei de achar modo de me descartar d'elle.

NERISSA

Se elle se sujeitar á sorte da loteria, e escolher o cofre designado, rejeitando a sua mão, nega-se a obedecer á vontade de seu pae.

PORCIA

Para evitar essa desgraça, colloca um copo grande com vinho sobre o cofre contrario. Aindaque o demonio estivesse n'elle encerrado, se essa tentação estiver fóra, aposto que essa será a sua escolha. Sou capaz de tudo, menos casar com uma esponja.

NERISSA

Não receie desposar nenhum d'estes senhores; disseram-me que contavam regressar á patria, e que da senhora já nada pretendiam, a menos que para obter a sua mão houvesse outro meio que não fosse a loteria ordenada por seu pae.

PORCIA

Aindaque devesse attingir a idade da sybilla, morrerrei casta como Diana, mas não darei a minha mão senão pelo meio prescripto por meu pae. Folgo muito de ver os meus apaixonados tão rasoaveis, porque ardentemente desejo a sua ausencia, e que façam boa viagem.

NERISSA

Senhora, não se lembra de ter visto aqui, ainda em vida de seu pae, um veneziano, homem instruido e valente, que veio com o marquez de Montferrato?

PORCIA

Sim, sim, era Bassanio, creio ser esse o nome.

NERISSA

Effectivamente assim se chama, minha senhora. De todos os homens que meus olhos ignorantes têm visto, é o que me parece mais digno do amor de uma formosa donzella.

PORCIA

Lembro-me perfeitamente, e lembro-me tambem que era merecedor dos elogios que d'elle fazes. O que quer? (Entra um creado.)

O CREADO

Senhora, os quatro estrangeiros pedem a honra de serem por vós recebidos para se despedirem. Acaba de chegar um correio da parte do quinto, o principe de Marrocos, annunciando a sua chegada para esta tarde.

PORCIA

Se pudesse acolher o quinto com tão boa vontade como me despeço dos outros quatro, alegrava-me com a sua chegada. Tivesse elle as qualidades de um santo e a figura do demonio, escolhia-o para confessor, nunca para marido. Vem, Nerissa. (Ao creado.) Vae adiante. No momento em que me julgava livre dos meus quatro apaixonados, eis que me surge um quinto. (Sáem todos.)

SCENA III

Veneza; uma praça publica

Chegam BASSANIO e SHYLOCK

SHYLOCK

Tres mil ducados, está bem.

BASSANIO

Sim, senhor, a tres mezes.

SHYLOCK

A tres mezes, bem.

BASSANIO

A qual somma, segundo eu já lhe disse, é garantida por Antonio.

SHYLOCK

É garantida por Antonio, muito bem.

BASSANIO

Posso então contar com o senhor? Prestar-me-ha esse serviço? Poderei saber a sua resposta?

SHYLOCK

Tres mil ducados, a tres mezes, garantidos por Antonio.

BASSANIO

Qual é a sua resposta?

SHYLOCK

Antonio é bom?

BASSANIO

Supporia porventura o contrario?

SHYLOCK

Oh! não, de maneira alguma; quando digo bom, digo se tem por onde pagar. Comtudo, os seus haveres são de uma natureza eventual; tem um navio que navega para Tripoli, outro para a India; ouvi no Rialto que ha um terceiro para o Mexico e um quarto para Inglaterra; outros ainda estão dispersos por differentes pontos do globo; mas navios são tábuas, e os marinheiros são homens; ha ratos na terra, e ha ratos no mar, ladrões na terra e ladrões no mar, quero dizer, piratas; depois ha o risco do mar, do vento e dos escolhos; no emtanto parece-me que o homem tem por onde pagar. Tres mil ducados! creio que posso acceitar a sua fiança.

BASSANIO

Tenha a certeza que póde.

SHYLOCK

Mas sempre me quero certificar se posso; hei de pensar. Poderei fallar a Antonio?

BASSANIO

Se quer jantar connosco?

SHYLOCK

Deus me livre; para comer carne de porco, e jantar na habitação em que o seu propheta o Nazareno, pelos seus exorcismos, fez entrar o demonio! Estou prompto a mercar com os senhores, a vender, a conversar, a passear e tudo o mais que quizerem, mas comer é que não é possível, nem tão pouco beber e orar. Que novas ha do Rialto? Mas quem se approxima? (Chega Antonio.)

BASSANIO

É o senhor Antonio.

SHYLOCK (á parte)

Parece mesmo um publicano hypocrita! Aborreço-o porque é christão, mas sobretudo porque na sua estúpida simplicidade empresta dinheiro sem juro e deprecia em Veneza o valor monetario. Se alguma vez depender de mim, saciarei n'elle o antigo odio que lhe tenho. Aborrece a nossa santa nação, e até no logar em que costumam reunir-se os negociantes, zomba da minha pessoa, das minhas operações, dos meus lucros legitimamente adquiridos, a que chama usura. Maldita seja a minha tribu, se alguma vez lhe perdoar!

BASSANIO

Ouviu o que eu lhe disse, senhor Shylock?

SHYLOCK

Estava calculando o estado actual dos meus haveres, e parece-me não poder dispor immediatamente da quantia de tres mil ducados; mas não tem duvida; Tubal, rico hebreu da minha tribu, póde prestar-lhe essa quantia. Mas prosigâmos de vagar; a quantos mezes a quer? (A Antonio.) Bons dias, senhor Antonio, fallavamos a seu respeito.

ANTONIO

Shylock! Postoque não empreste nem peça emprestado com

juros; comtudo, para obviar a instantes necessidades de um amigo, por uma vez farei uma excepção á regra que me impuz. (A Bassanio.) Sabe elle a somma que deseja?

SHYLOCK

Perfeitamente, são tres mil ducados.

ANTONIO

Por tres mezes.

SHYLOCK

Já o havia esquecido. Por tres mezes, é verdade, tinha-m'o dito; garantidos pelo senhor Antonio, muito bem! mas vejamos sempre. Parece-me, se não me engano, ter-lhe ouvido dizer que nunca emprestára, nem pedira emprestado com juros?

ANTONIO

A verdade é que nunca o fiz.

SHYLOCK

Ouça-me, pois. Quando Jacob apascentava os rebanhos de seu tio Labão, esse Jacob, em virtude do que por elle fez a sua assisada mãe, foi o terceiro da raça de que o nosso santo Abrahão é o chefe; note bem, foi o terceiro!

ANTONIO

Pois bem, que pretende provar-nos com isso? que emprestava dinheiro a juros?

SHYLOCK

Não digo que emprestasse a juros, não é isso positivamente, mas notem bem o que fez Jacob. Jacob havia ajustado com Labão, que todos os cordeiros que nascessem, listrados ou malhados, lhe pertenceriam, e taes artes empregou no momento da concepção, collocando varinhas sem casca diante das ovelhas, que depois deram todas á luz cordeiros malhados, que pertenceram a Jacob. Era um modo de se beneficiar, e no en-

tanto o céu abençoou a Jacob; todo o lucro que não proceda de roubo é abençoado.

ANTONIO

Jacob tinha só em mira um beneficio eventual; um resultado que não estava em seu poder alcançar, e que é exclusivamente obra da vontade de Deus. Diga-me, esse seu exemplo terá por fim justificar a usura? O seu ouro e a sua prata serão porventura carneiros e ovelhas?

SHYLOCK

Não sei! só sei que os desejo fazer produzir; mas escuteme, meu senhor.

ANTONIO

Bassanio! Este demonio é capaz de citar as escripturas sagradas para justificar os seus actos. Uma alma perversa, apresentando testemunhos sagrados, assemelha-se ao facinora que tem o sorriso nos labios; é fructo perfeito exteriormente em cujo interior já lavra podridão. Ah! com que capa de virtude se reveste a hypocrisia!

SHYLOCK

Tres mil ducados! é objecto! Tres mezes sobre doze, vejamos o juro que hei de pedir.

ANTONIO

Então, Shylock, podemos contar com o senhor?

SHYLOCK

Senhor Antonio! muitas vezes no Rialto zombou das minhas operações financeiras, alcunhando-me de usurario; encolhi apenas os hombros, e tudo supportei com paciencia, porque padecer é a sorte da minha nação. Ouvi-lhe chamar-me hereje e cão damnado, escarrou na minha capa hebraica, e tudo porque? Porque faço render o que me pertence. Agora o caso é outro; precisa de mim, chega-se e diz-me: *Caro Shylock, preciso dinheiro*; ali está o que diz o senhor, que insulta as

minhas barbas, que me expulsa com a ponta da bota como se enxotasse um cão estranho de sua casa, e vem pedir-me dinheiro! Que devo eu responder? Podia dizer-lhe: *Como pôde um cão ter dinheiro? Será possível que um cão possa emprestar tres mil ducados?* Ou devo inclinar-me profundamente, e responder-lhe em tom servil, e com voz baixa e submissa: *Meu bom senhor, quarta feira passada a sua saliva molhou-me o rosto, n'outro dia alcançou-me com o seu pé, chamou-me perro n'outra occasião, e para lhe retribuir tantas finezas, os meus haveres todos estão ao seu dispor.*

ANTONIO

E é provavel que isso mesmo ainda se repita. Se queres emprestar essa quantia, não é a amigos que a emprestas. Viu-se alguma vez nascer a amizade de um metal esteril? Empresta-a-has pois a um inimigo; se elle faltar ao seu compromisso terás então o direito de o perseguir perante a lei.

SHYLOCK

Não vale zangar-se, senhor Antonio. Quero provar-lhe que sou seu amigo, que desejo a sua afeição, quero esquecer os agravos que do senhor tenho, e quero ajudal-o a sair dos embaraços em que actualmente se acha, sem juro algum. Não me quer escutar! olhe que o meu offerecimento é de amigo!

ANTONIO

Acredito-o porque o diz.

SHYLOCK

E quero-lh'o provar. Vamos a casa de um tabellião; assignar-me-ha uma escriptura, sinto-me hoje propenso a servil-o, em que ficará estipulado, que se em tal dia, não me embolsar em tal logar da quantia consignada n'esse documento, terei direito a uma libra da sua carne cortada e tirada da parte do corpo que me aprouver escolher.

ANTONIO

Consinto com mil vontades; estou prompto a assignar a declaração concebida n'esses termos, e a prestar homenagem á condescendencia de um judeu.

BASSANIO

Não quero que por minha causa assigne um tal escripto; prefiro ficar pobre toda a minha vida.

ANTONIO

Nada tem que receiar, Bassanio; hei de cumprir aquillo a que me obriguei. Em dois mezes, quer dizer, um mez antes do vencimento, hão de me chegar valores nove vezes superiores á somma exarada na minha declaração.

SHYLOCK

Oh! meu pae Abrahão! o que é seguir a lei de Christo. A perversidade dos seus actos faz-lhe suspeitar das intenções dos outros. Sempre lhe pergunto, se elle faltasse o que lucrava eu com o cumprimento da sua palavra? Uma libra de carne humana tem menos valor do que uma libra de carne de vacca, cabra, ou carneiro. Faço o mais que posso. Convem-lhe o negocio? quando não, boas tardes. Agora sómente lhes peço que não voltem contra mim a arma da minha condescendencia.

ANTONIO

Esteja descansado, Shylock, eu assigno.

SHYLOCK

Vá pois esperar-me em casa do tabellião. Diga-lhe que redija este aprazivel documento; eu vou buscar os ducados, e dar uma vista de olhos á minha casa, que deixei entregue á pouco segura guarda de um servo indolente; depois irei procural-o. (Retira-se.)

ANTONIO

Adeus, judeu obsequioso. Aposto que ainda um dia se faz christão; tratavel já elle está!

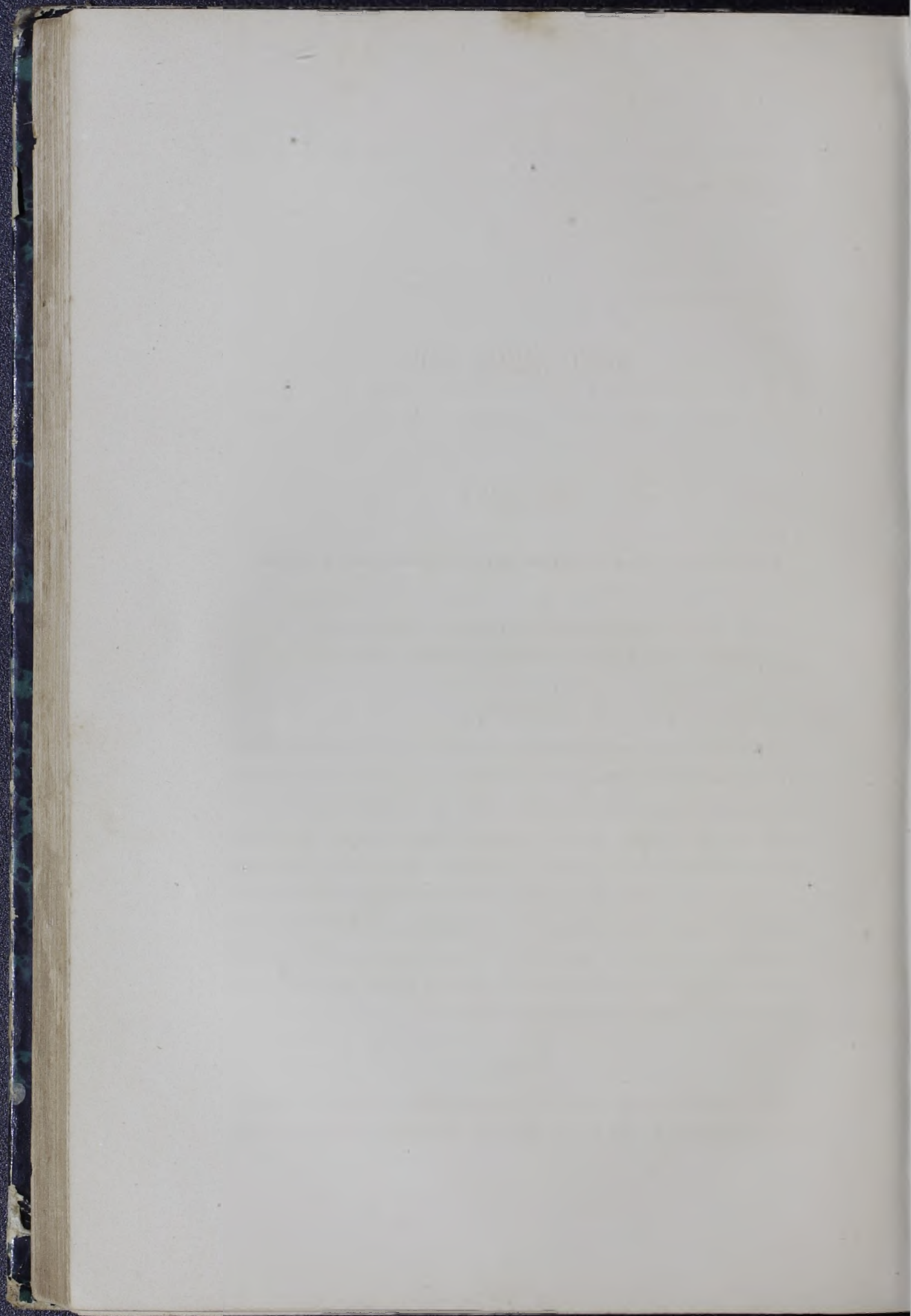
BASSANIO

Pois eu sempre suspeito das condições mais favoraveis, quando apresentadas por um malvado.

ANTONIO

Vamos, não tenha cuidado, os meus navios devem chegar um mez antes do praso fatal. (Retiram-se.)

Fim do primeiro acto



ACTO SEGUNDO

SCENA I

Belmonte, um quarto no castello de Porcia

Entram o PRINCIPE DE MARROCOS e a sua comitiva,
PORCIA e o seu sequito, e NERISSA. Ouvem-se sons de clarius

O PRINCIPE

Não lhe cause repugnancia a minha côr, essa negra libré do ardente sol de quem sou vizinho, e que me viu nascer. Apresentem-me o homem mais bello dos climas do norte, eu farei em sua honra, minha senhora, uma incisão na minha bronzeada pelle, e veremos qual dos sangues é mais vermelho, se o meu, se o d'elle. Saiba que a minha presença aterrou mais de um valente, e juro-lhe pelo meu amor, que das virgens da minha terra, mais de uma de mim se namorou. Não queria mudar de côr, a menos que não fosse o unico meio de obter a sua mão, minha encantadora rainha.

PORCIA

Na minha escolha não sou unicamente guiada pelo caprichoso testemunho de meus olhos de donzella; de mais a mais

a loteria do meu destino, veda-me toda e qualquer escolha voluntaria. Mas se meu pae me não tivesse imposto restricções, se não me obrigasse pelo seu testamento a ser esposa d'aquelle que me obtiver pelos meios que lhe disse, confesso-lhe, illustre principe, que entre todos os pretendentes que se me têm apresentado, seria aquelle que o meu coração acolheria com mais prazer.

O PRINCIPE

Já não é pouco, e agradeço-lh'o. Queira portanto conduzir-me a esses cofres, para poder tentar fortuna. Por esta cimitarra, que prostrou o Sophi e um principe persa, que tres batalhas ganhára contra o sultão Solimão, devesse eu fazer baixar os olhos ao homem mais orgulhoso, affrontar o mais audaz, roubar ursinhos ao abrigo materno, atacar um leão rugindo de fome, tudo faria, senhora, para obter a sua mão. Mas, infeliz! Se Hercules e Lichas jogam o dado para saber qual dos dois vale mais como homem, a fortuna póde favorecer o mais debil, e Alcides será vencido pelo seu pagem. E eu tambem guiado pela cega fortuna, posso perder o que um menos digno que eu vae obter, eu então morrerei de desgosto e de dor.

PORCIA

Tenha força sobre si, e renuncie a escolher; mas se insistir, jure de antemão que, se a sorte lhe for adversa, nunca fallará em casamento a mulher alguma. Reflecta, principe!

O PRINCIPE

Acceito todas as condições; vamos, quero saber qual será a minha sorte.

PORCIA

Antes vamos orar ao templo; depois do jantar tentará fortuna.

O PRINCIPE

Oxalá que eu acerte! Esse momento vae-me tornar ou o mais feliz, ou o mais desditoso dos homens. (Ouvem-se clarins. Sãem.)

SCENA II

Uma rua de Veneza

Entra LANCELOTO GOBBO

LANCELOTO

Effectivamente, a minha consciencia ordena-me que abandone o serviço do judeu, meu amo. O demonio está a meu lado, tentando-me com as suas palavras: *Gobbo, Lanceloto Gobbo, meu caro Lanceloto, meu querido Gobbo, ou amigo Lanceloto Gobbo, para que te servem as pernas? Foge, a bom correr.* A consciencia então segreda-me: *Não! toma sentido, honrado Lanceloto, toma sentido, honrado Gobbo, ou como ainda agora me dizia: Honrado Gobbo, não vás, despreza um ruim conselho.* Mas o incansavel demonio sempre a dizer-me: *Foge, parte,* diz-me o demonio. *Em nome do céu,* repete elle, *foge, tem valor, escapa-te.* Então a minha consciencia dominando o meu coração, diz-me mui assisadamente: *Meu bom e honrado amigo Lanceloto, tu, que és filho de um homem honrado, ou antes mulher honrada, porque meu pae soube o que fez, não te movas,* é o que me diz a minha consciencia. *Vae,* diz o demonio; *fica,* diz a consciencia. *Consciencia, lhe digo eu, é justo o teu conselho.* *Demonio,* lhe respondo eu, *approvo o teu conselho;* se obedeco á consciencia, fico com o judeu, meu amo, que, Deus me perdoe, é mesmo uma especie de demonio; se, pelo contrario, fujo, cáio nas garras do espirito maligno, que, com perdão dos senhores, é o proprio diabo em pessoa. Este judeu é sem duvida alguma a encarnação de Satanaz, e em consciencia, a minha consciencia é uma consciencia bem cruel quando me ordena que fique em casa de meu amo, o judeu; o conselho de amigo é o do demonio! *Fugirei, para que me servem as pernas? Ordena, demonio, fugirei, está dito!*

Chega o velho GOBBO trazendo um cesto

GOBBO

Meu joven senhor, por onde é? diga-me o caminho para casa do judeu.

LANCELOTO (á parte)

Oh! céus! é meu pae legitimo que, sendo myope, não me reconhece. Vou tentar uma experiencia!

GOBBO

Diga-me, meu joven senhor, por onde se vae para casa do judeu?

LANCELOTO

Á primeira travessa tome á direita, á segunda, á esquerda, á terceira para lado algum; mas dirigir-se-ha indirectamente a casa do judeu!

GOBBO

Santo Deus, que caminho tão complicado! Poderá ao menos dizer-me se lá acharei um certo Lanceloto, e se ainda lá mora; sim ou não?

LANCELOTO

É sem duvida do joven senhor Lanceloto, de quem pretende fallar; olhe bem para mim: (á parte) vou dar por paus e por pedras. Falla do joven senhor Lanceloto?

GOBBO

Não, senhor! mas de Lanceloto, filho de um pobre velho. Seu pae, postoque seja eu que o diga, é pobre mas honrado, e, graças a Deus, homem de boa vida e costumes.

LANCELOTO

Que me importa o que o pae é; nós fallámos do joven senhor Lanceloto.

GOBBO

De Lanceloto, meu senhor!

LANCELOTO

Responda-me, peço-lh'o: não é do joven senhor Lanceloto que falla?

GOBBO

De Lanceloto, já lh'o disse!

LANCELOTO

Ergo, do senhor Lanceloto. Bom velho, não me falle d'elle, porque esse senhor, pelos decretos da sorte e do destino e outras locuções exquisitas, e das tres parcas, e outros artigos scientificos, já não existe, ou em linguagem vulgar, está no céu!

GOBBO

Deus afugente de mim tal desgraça. Esse rapaz era o meu unico arrimo, o meu bordão na velhice.

LANCELOTO

Pareço-me eu porventura com um bordão ou um poste? Não me reconhece, meu pae?

GOBBO

Infelizmente não o reconheço; mas queira-me dizer se o meu rapaz (Deus tenha em gloria a sua alma), é vivo ou morto.

LANCELOTO

Mas não me reconhece, meu pae?

GOBBO

Infelizmente, sou tão falto de vista; não o reconheço.

LANCELOTO

Podia ter optima vista e não me reconhecer; bem atilado deve ser o pae, que conheça o filho. Vamos, bom velho, vou dar-lhe noticias de seu filho; dê-me a sua benção, é forçoso que se desvende a verdade; um assassinio não pôde ficar

muito tempo occulto, o filho do homem póde desaparecer, mas a verdade transluz. (Curva-se.)

GOBBO

Levante-se, senhor, peço-lh'o; estou certo que não é meu filho.

LANCELOTO

Não percamos mais tempo, dê-me a sua benção. Sou Lanceloto, o seu filho de outr'ora, agora e sempre.

GOBBO

Não posso acreditar que seja meu filho.

LANCELOTO

Tambem eu já não sei o que deva acreditar; mas sou Lanceloto ao serviço de Shylock, e tenho a certeza que Margarida, sua mulher, é minha mãe!

GOBBO

Effectivamente, minha mulher chama-se Margarida. Por vida minha, se és Lanceloto, és a minha carne e o meu sangue. Mas, Deus do céu, que barbado estás, tens mais cabellos na barba, do que tem Dobbin, o meu cavallo da carroça, na cauda!

LANCELOTO

Deve portanto o crescimento da cauda de Dobbin ser negativo, porque a ultima vez que o vi tinha elle mais cabellos na cauda do que eu na barba!

GOBBO

Como tu estás mudado! Como te dás com teu amo? Trago-lhe um presente. Vives com elle em boa harmonia?

LANCELOTO

Muito bem, perfeitamente; mas como tenho tenção de fu-

gir, e para bem longe, sempre lhe direi que meu amo é um perfeito judeu. Dar-lhe um presente! Dê-lhe antes uma corda para elle se enforcar. Mata-me á fome; apalpe, e verá que póde contar as costellas com os dedos! Estimo immenso que viesse, meu pae; offereça antes o presente a um certo senhor Bassanio; esse trata e veste bem os creados; se não for para o serviço d'elle, fugirei enquanto houver terra para pisar. Mas, acaso feliz; eil-o que se approxima: falle-lhe, meu pae, e judeu eu seja, se mais tempo servir aquelle judeu.

Chega BASSANIO seguido por LEONARDO e outros creados

BASSANIO (a um creado)

Pois seja; consinto, mas faze tudo rapidamente, de modo que a ceia esteja prompta ás cinco horas o mais tardar; vê que estas cartas cheguem ao seu destino; trata de mandar fazer os fardamentos, e diz a Graciano que venha immediatamente ter commigo.

LANCELOTO

Falle-lhe, meu pae!

GOBBO

Deus o abençoe, meu senhor!

BASSANIO

Mil vezes obrigado; tem alguma cousa que me dizer?

GOBBO

Aqui está meu filho, um pobre rapaz.

LANCELOTO

Um pobre rapaz, não! mas o creado do rico judeu. O meu desejo, senhor, seria... mas meu pae melhor lh'o póde dizer.

GOBBO

Tem, como elle diz, meu senhor, um grande empenho em servir...

LANCELOTO

O caso é que estou ao serviço do judeu, e queria... meu pae lh'o dirá, meu senhor.

GOBBO

Elle e seu amo, com perdão do senhor, não se dão bem, tanto que...

LANCELOTO

Em summa, a verdade é que tendo-me o judeu considerado pouco, esta circumstancia me obriga... mas meu pae melhor do que eu lh'o explicará.

GOBBO

Meu senhor, trazia aqui uns casaes de pombos, que lhe desejava offerecer, e queria pedir-lhe ao mesmo tempo que...

LANCELOTO

O pedido é impertinente, como o senhor o saberá da bôca d'este honrado velho, que postoque seja eu que o diga, é pobre, apesar de velho, e de mais a mais meu pae.

BASSANIO

Explique-se um ao menos, e diga o que quer; dois ao mesmo tempo é que é impossivel perceber. O que querem?

LANCELOTO

Que me tome por creado!

BASSANIO (a Lanceloto)

Conheço-te perfeitamente, e desde já concedo o que pedes. Shylock fallou-me hoje mesmo a teu respeito, e dever-lhe-has o teu adiantamento, se adiantamento é deixar o serviço de um judeu opulento, para ser laçao de um fidalgo tão pobre como eu o sou.

LANCELOTO

O velho proverbio applica-se perfeitamente ao senhor Bassanio e a Shylock. O senhor tem a graça de Deus, e Shylock qual terá?

BASSANIO

É bem verdade o que dizes! (a Gobbo.) Siga seu filho. (A Lanceloto.) Vae despedir-te de teu antigo amo, depois dirige-te a minha casa. (Aos seus creados.) Dêem-lhe uma farda mais luzida do que a dos outros creados. Não se esqueçam. (Falla baixo a Leonardo.)

LANCELOTO

Meu pae, tudo vae bem. Não sei arranjar-me? Não sei falar? Até muito bem. (Olhando para a palma da mão.) Qual será em Italia a palma de mão, estendida para jurar sobre a Biblia, que se possa comparar a esta? Hei de ser feliz! eis uma linha bonita, creio eu, que indica uma provisão de mulheres; infelizmente só quinze, onze viuvias e quatro donzellas, é o estritamente necessario para um homem de bem; e depois ter-me livrado tres vezes da desgraça de me afogar, e ter escapado por um triz ao matrimonio! Creio que poucos se podem gabar de taes milagres. Ora vamos, que se a fortuna é do sexo feminino, devo confessar que é uma boa rapariga. Venha, meu pae. Vou despedir-me do judeu n'um abrir e fechar de olhos. (Sáem.)

BASSANIO (a Leonardo)

Peço-te, Leonardo, que olhes por tudo. Quando tiveres comprado os objectos, e acabado de os pôr em ordem, volta immediatamente, porque hoje reuno em minha casa os meus melhores amigos. Avia-te, vae. (Dá alguns passos, passeando.)

LEONARDO

Tudo farei o melhor que souber.

Chega GRACIANO

GRACIANO (a Leonardo)

Onde está teu amo?

LEONARDO

Está passeando ahi para diante. (Sác.)

GRACIANO (chamando)

Senhor Bassanio!

BASSANIO (voltando-se)

Graciano!

GRACIANO

Quero-lhe fazer um pedido.

BASSANIO

Peça.

GRACIANO

Não me diga que não! Queria acompanhá-lo a Belmonte!

BASSANIO

Concedo, se lhe é absolutamente preciso. Mas escute-me, Graciano, tem modos um pouco livres e falla demasiado alto; isso entre nós não lhe fica mal, e eu não o estranho: mas n'um logar onde não o conheçam, não abona a sua compos-tura. Tome sentido, modere essa sua feição, tenha mais modestia e menos petulancia; poderia transtornar os meus planos com o seu porte livre e excentrico, e desvirtuar-me aos olhos de pessoas a quem pretendo agradar.

GRACIANO

Senhor Bassanio, escute-me tambem. Se não me vir tomar um ar composto, fallar respeitosa-mente, nem por acaso praguejar, trazer sempre um livro de orações commigo, tornar-me homem serio, ter o chapéu na mão e os olhos baixos quando se rezar o terço, suspirar e responder *amen*; se não me vir

seguir todas as regras da civilidade, como uma creança que pretende agradar á avó, se tudo quanto lhe digo eu não o fizer, nunca mais dê credito ás minhas palavras.

BASSANIO

Pois bem, veremos como se comporta.

GRACIANO

Exceptuo esta noite; o que fizermos ainda não entra no ajuste.

BASSANIO

Seria pena estragal-a! Tem carta branca, pôde fazer o que lhe aprouver, até lh'ó aconselho. Temos amigos que se querem divertir; mas adeus, ainda tenho uns negocios que tratar.

GRACIANO

E eu vou encontrar-me com Lourenço e com os outros amigos; á hora da ceia lá estaremos. (Sáem.)

SCENA III

Um quarto em casa de Shylock

JESSICA e LANCELOTO

JESSICA

Peza-me que queiras deixar meu pae; bem sabes que a noõssa casa é um inferno, e tu eras o unico a alegral-a; adeus, pois, toma um ducado. Logo á ceia, entre os convidados de teu novo amo, has de ver Lourenço; dá-lhe esta carta, mas dá-lh'a ás escondidas. Adeus, não quero que meu pae me veja conversando contigo.

LANCELOTO

Adeus, as minhas lagrimas dizem mais do que as palavras. Linda pagã, amavel judia; merecia que um christão praticasse

um crime para a possuir; mas adeus, estou a chorar, e falta-me o animo, adeus. (Sáe.)

JESSICA (só)

Adeus, meu bom Lanceloto. Como sou culpada em me envergonhar de ser filha de meu pae! Herdei o seu sangue, o seu character, não. Oh! Lourenço, se cumprires a tua palavra, verei terminar esta luta terrível, far-me-hei christã e serei tua esposa. (Sáe.)

SCENA IV

Uma rua de Veneza

LOURENÇO, GRACIANO, SALARINO e SALANIO

LOURENÇO

Ouçam, escapâmo-nos durante a ceia, disfarçâmo-nos em minha casa, e uma hora depois voltâmos todos.

GRACIANO

Ainda não temos tudo preparado.

SALARINO

Falta designar os que hão de levar os archotes.

SALANIO

O levar archotes é uma triste invenção, a menos que não se disponham de um modo original; parece-me que o melhor é dispensal-os.

LOURENÇO

São apenas quatro horas; temos tempo, em duas horas, de preparar tudo.

Chega LANCELOTO com uma carta

LOURENÇO

Amigo Lanceloto, que novas trazes?

LANCELOTO

Se quer ter o incommodo de abrir esta carta, sabel-o-ha.

LOURENÇO

Conheço a letra ; é uma letra linda, e mais branca que este papel é a mão que escreveu esta carta.

GRACIANO

Uma carta de amores, sem duvida?

LANCELOTO (dando alguns passos para se retirar)

Com sua licença, meus senhores.

LOURENÇO

Onde vaes ?

LANCELOTO

Vou convidar o meu antigo amo judeu, para vir ceiar a casa do meu novo amo christão.

LOURENÇO (dando-lhe uma bolsa)

Toma, dize á linda Jessica que serei pontual, dize-lh'o a sós. Avia-te. (Lanceloto sae.) (Continuando.) Querem-se preparar para a mascarada d'esta noite? Quem ha de levar o archote já eu sei.

SALARINO

Vou já.

SALANIO

E eu tambem.

LOURENÇO

Em casa de Graciano nos encontraremos d'aqui a uma hora.

SALARINO

Lá estaremos sem falta. (Sae com Salanio.)

GRACIANO

Não era de Jessica essa carta ?

LOURENÇO

Tudo quero que saiba. Manda-me dizer o modo de a rapta da casa paterna, e como se hão de levar os valores; diz-me mais as jóias que traz consigo, e que vem vestida de pagem. Se alguma vez o velho judeu entrar no céu, é de certo só pelos merecimentos da sua encantadora filha, cujo unico peccado é ser filha d'aquelle judeu sem fé. Vamo-nos, venha commigo, e vá lendo pelo caminho. Jessica é que ha de levar o archote. (Retiram-se.)

SCENA V

Veneza, diante da casa de Shylock

Chegam SHYLOCK e LANCELOTO

SHYLOCK

Conhecerás ainda um dia a differença que ha entre o velho Shylock e Bassanio. (Chama.) Jessica? Não terás tempo para te entregares á gulodice, como o fazias em minha casa. (Chama outra vez.) Jessica? Acabou para ti o tempo em que dormias e resonavas á tua vontade, e estragavas todo o teu fato. (Chamando.) Jessica, não ouves?

LANCELOTO (chamando tambem)

Jessica?

SHYLOCK

Cala-te, ninguem te encommendou o recado.

LANCELOTO

Tinha-me dito tantas vezes que nada sabia fazer sem ordem!

Chega JESSICA

JESSICA

Chamou-me, meu pae? deseja alguma cousa?

SHYLOCK

Jessica, ceio hoje fóra; entrego-te as minhas chaves; mas

porque hei de eu ir? não é por affeição que me convidam! querem-me lisonjear; não me importa! irei, porque o odeio, e para ter o gosto de comer á custa de um christão prodigo. A ti, Jessica, deixo confiada a minha casa e haveres; comtudo, sinto repugnancia em lá ir; não estou descansado! Alguma cousa se trama contra mim; sonhei toda a noite com sacos de dinheiro.

LANCELOTO

Não dê credito a puerilidades e vá; meu amo conta com a sua presença.

SHYLOCK

E eu com a d'elle!

LANCELOTO

Alguma combinação ha entre os dois! Não lhe posso dizer que ha de ver uma mascarada; mas enfim se a vir, não foi debalde que sangrou o meu nariz na ultima segunda feira negra ás seis horas da manhã, enquanto que ha quatro annos aconteceu-me exactamente o mesmo, mas foi na quarta feira de cinza á tarde!

SHYLOCK

O que? pois haverá mascarada? escuta-me, Jessica: fecha bem as portas e se ouvires os tambores e os sons agudos dos pifanos; não appareças á janella, nem procures ver as caras desfiguradas dos christãos sandeus; pelo contrario, fecha os ouvidos, quero dizer, as janellas da minha casa, para que os sons de uma loucura estúpida não penetrem na minha casa austera. Pelo bordão de Jacob, juro que bem pouca vontade tenho de ir ceiar fóra, mas hei de ir! (A Lanceloto.) Tu precede-me, e dize-lhe que vou já sem demora.

LANCELOTO

Vou a correr, meu senhor. (Baixo a Jessica.) Não faça caso, menina, do que diz seu pae, vá sempre espreitando á janella:

Quem sabe se entre a multidão
Ha para a judia um christão! (São)

SHYLOCK

O que te disse esse imbecil, esse raça de Agar?

JESSICA

Disse-me simplesmente: « Adeus, minha menina! » É isso que queria saber?

SHYLOCK

É um pobre diabo; mas quanto a comer, nada o farta; emquanto a trabalho, creio que um caracol o faria mais rapidamente; passa o dia a dormir como um gato bravo, e não me convem zangão nas colmeias, por isso me separo d'elle e o cedo ao outro, para o ajudar a gastar promptamente o dinheiro que lhe emprestei. Adeus, Jessica, volta para casa: talvez que eu não tarde; lembra-te de tudo quanto te disse; fecha bem as portas, porque o que está debaixo de chave está seguro, e o seguro morreu de velho; é um proverbio ordinario, mas que quadra a todo o espirito economico. (Afasta-se)

JESSICA

Adeus! se o meu projecto se realisar, perdemos eu um pae, e meu pae uma filha! (Entra para casa.)

SCENA VI

A mesma scena

Chegam GRACIANO e SALARINO mascarados

GRACIANO

Aqui está o sitio em que Lourenço disse que o esperassemos.

SALARINO

Mas vae passando a hora!

GRACIANO

Admira-me que se demore tanto, porque os amantes têm por costume chegar sempre antes do praso marcado!

SALARINO

Está provado que as pombas de Venus voam dez vezes mais rapidas para sellar novos laços de amor, do que para conservar intacta a fé jurada.

GRACIANO

Sempre assim foi, e ha de ser. Diga-me se ha algum conviva que acabe de jantar com o mesmo appetite com que se foi sentar á mesa? Qual é o cavallo que caminha alegre pelo caminho enfadonho que está cansado de trilhar? Em todas as cousas d'este mundo o nosso empenho é obter, o conservar é o menos. Veja como o navio larga da bahia que o viu nascer alegre e loução, ostentando as mil cores dos seus galhardetes, impellido pelo sopro lascivo da brisa! vê-o depois voltar qual filho prodigo, com o casco damnificado, rotas as vélas e desconjuntado, estafado e arruinado pela brisa libertina!

Chega LOURENÇO

SALARINO

Ahi chega Lourenço; a conversação encetada ficará para mais tarde.

LOURENÇO

Perdoem-me o eu ter abusado da sua paciencia. Não é a mim, mas ás minhas occupaões que devem imputar a culpa da minha demora. Quando lhes lembrar de raptar alguma esposa prometto esperal-os com igual paciencia. Chegemo-nos, é aqui que mora o judeu, meu futuro sogro. Olá, venha!

JESSICA, vestida de pagem, apparece á janella

JESSICA

Quem é? diga-m'o para mais certeza, apesar de estar convencida de que reconheci a sua voz.

LOURENÇO

Lourenço, que a adora!

JESSICA

Agora estou certa que é Lourenço, o meu querido; não ha duvida, porque lhe quero mais do que á vida! Mas quem me diz que o meu amor é igualmente retribuido?

LOURENÇO

Não são o céu e o seu coração testemunhas de quanto lhe quero?

JESSICA (deitando-lhe um cofre)

Tome, receba esse cofre que está bem recheado. Quanto estimo que seja noite, e que não me possa ver bem; estou tão envergonhada n'este meu disfarce! Mas o amor é cego, e os amantes mal vêem as encantadoras loucuras que fazem, porque se as vissem, o proprio Cupido coraria ao ver-me metamorphoseada em pagem.

LOURENÇO

Desça, Jessica, porque ha de levar o archote.

JESSICA

Pois quer que alumie a minha vergonha? Já estou visivel de mais. Querido amigo, receio expôr-me a ser vista, desejo ficar o mais occulta possível.

LOURENÇO

Bastante a encobre o seu traje de pagem. Mas avie-se, porque em breve a noite mysteriosa cederá o seu logar ao dia, e ainda devemos ir ao banquete de Bassanio.

JESSICA

Vou fechar as portas, e prover-me de quantos ducados poder; depois estou ás suas ordens. (Sae.)

GRACIANO

Pelo meu capuz, é um encanto e não uma judia!

LOURENÇO

Juro-lhe que é todo o meu amor, porque é prudente e séria pelo que posso julgar, e linda, se os meus olhos não me enganam; é sincera porque tal sempre se mostrou; por todas essas qualidades, é merecedora de todo o affecto da minha alma constante.

Chega JESSICA

LOURENÇO

Finalmente, aqui está; vamos, partamos, esperam-nos os nossos companheiros mascarados. (Parte com Jessica e Salarino.)

Chega ANTONIO

ANTONIO

Quem está ali?

GRACIANO

O senhor Antonio!

ANTONIO

Cala-te, Graciano; onde estão os outros? Já são nove horas, e todos os amigos os esperam. Não pôde haver mascarada. Bassanio vae já partir, aproveitando o vento favoravel; já tinha mandado vinte pessoas á sua procura.

GRACIANO

Quanto folgo; nada desejava tanto como partir esta noite, e passal-a navegando sobre o mar. (Sãem todos.)

SCENA VII

Belmonte, uma sala no castello de Porcia

Sons de clarins. Entram PORCIA, o PRINCIPE DE MARROCOS
e as suas comitivas

PORCIA

Corram essa cortina, patenteiem á vista do nobre principe os tres cofres. (Corre-se a cortina e vêem-se os tres cofres jámen cionados.)
Pôde escolher, meu senhor.

O PRINCIPE (considerando os cofres)

O primeiro é de ouro, este é o seu letreiro: *Escolhe-me, e terás o que muitos desejam*; no segundo, que é de prata, leio o seguinte: *Escolhendo-me, escolhes o que mereces*; o terceiro, de chumbo vil, tem letreiro tão grosseiro como o seu metal: *Quem me escolher, deve-se a muito atrever*. Como poderei saber se acertei na escolha?

PORCIA

Principe, n'um dos cofres está encerrado o meu retrato; se o escolher, a minha mão é sua.

O PRINCIPE

Que um Deus propicio me inspire! Tornarei a ler os letreiros, começando pelo ultimo. O que me diz o cofre de chumbo? «Quem me escolher, deve-se a muito atrever». A muito atrever? Porque? Por este metal? Este cofre é de mau agouro. O homem que a muito se atreve, fal-o na esperança de legitimas vantagens; uma alma elevada não se abaixa a desejar esse vil metal. Que diz o cofre de prata com a sua côr virginal? «Escolhendo-me, escolhes o que mereces». O que mereces? Espera um momento, principe de Marrocos, e avalia-te imparcialmente. Se me guiar pela minha propria opinião, valho muito, comtudo, não bastante, para merecer esta beldade. Mas duvidar do que valho, é rebaixar-me cobardemente. O que mereço? eu mereço essa beldade; mereço-a pelo meu nascimento, pela minha fortuna, pelos meus dotes physicos, pelas qualidades que devo á educação, e sobretudo pelo meu amor. Talvez que n'elle esteja a minha felicidade, e que fizesse bem de o escolher; no emtanto sempre quero tornar a ler a letreiro gravado no cofre de ouro. «Escolhe-me, e terás o que muitos desejam». É claro que é a dona do castello: todos desejam a sua mão; dos quatro cantos do globo concorrem admiradores a reverenciar o relicario que encerra esta santa viva. Os desertos da Hyrcania e as immensas solidões da extensa Arabia, transformados agora em fre-

quentadas estradas, são trilhados por caravanas de príncipes que vem contemplar a bella Porcia. O salso imperio que eleva até aos céus as suas orgulhosas ondas, já não é barreira capaz de deter os viajantes de longinquas paragens. Saltam distancias, como saltariam um regato para admirar a bella Porcia. Um d'estes tres cofres contém o seu celestial retrato; será o cofre de chumbo? Seria uma profanação acreditar em tal; esse metal ainda seria vil para encerrar os seus restos mortaes. Será no de prata que a sua celestial imagem está occulta, encarecendo o seu preço dez vezes acima do ouro sem liga? Uma perola tão preciosa só em ouro póde estar engastada. Ha em Inglaterra uma moeda cujo cunho é um anjo, mas esse cunho é gravado na superficie. Aqui é um anjo que o ouro encerra. Dê-me a chave, escolho este, entrego-me á sorte.

PORCIA

Eil-a, principe; se achar o retrato a minha mão é sua.

O PRINCIPE (depois de aberto o cofre)

Maldição! que vejo? um esqueleto! e n'um dos espaços que os olhos outr'ora occupavam, um papel escripto e enrolado. Vejamos o que diz. (Lê.)

Nem tudo o que luz é ouro,
Reza o dictado vulgar,
Que bem se póde affirmar
É do bom senso thesouro.

Quantos, com raro candor,
Tem dado a propria existencia
Pela enganosa apparencia,
Do meu externo fulgor!

Pois n'estas urnas, que cerra
O lavor d'aureo metal
Tem morada sepulchral
Os torpes vermes da terra.

Ó vós, quem quer que sejaes
Que trouxe aqui o destino,
Se houvesseis prudencia e tino
A vossa ousadia iguaes,

Se houvesseis na mocidade
Mostrado com precisão
Que idade já da rasão
Fôra da energia a idade,

N'estes caracteres meus
Não verieis hoje escripto,
Por desengano expedito:
Perdeis tempo; i-vos com Deus!

Perdi o meu tempo! adeus, ardente amor, fria indiferença,
adeus! Adeus, Porcia! a ferida do coração veda-me prolongar
insipidas despedidas. Tudo perdi! (Sáe.)

PORCIA

Mais um de que me livre! Corre a cortina. Nerissa, pos-
sam todos os da sua côr ser tão felizes como elle. (Sáem.)

SCENA VIII

Uma rua de Veneza

Chegam SALARINO e SALANIO

SALARINO

Vi partir Bassanio. Graciano foi com elle; tenho a certeza
de que Lourenço não foi nem estava a bordo.

SALANIO

O malvado do judeu acordou o doge com os seus gritos, e
foram ambos para dar busca ao navio de Bassanio.

SALARINO

Chegaram tarde; o navio já se tinha feito de véla; mas in-
formaram o doge que tinham sido vistos n'uma gondola, Lou-
renço e a sua namorada Jessica: demais, Antonio tinha-lhes
afiançado que não iam a bordo do dito navio.

SALANIO

Nunca vi furia igual á do judeu, confusa, violenta, estranha, sem nexo! Atrôa as ruas com o seu gritar. Minha filha, exclama elle, os meus ducados, oh! minha filha raptada por um christão! oh! os meus ducados christãos! Justiça em nome da lei; os meus ducados, a minha filha! Um sacco, dois sacos com ducados, que minha filha roubou! Joias, dois diamantes, dois diamantes raros e preciosos que me roubou minha filha! Justiça! prendam minha filha; leva consigo os meus diamantes e os meus ducados.

SALARINO

E o rapazio a perseguil-o com uma algazarra infernal, repetindo: «Meus diamantes, minha filha, os meus ducados!»

SALANIO

Pois Antonio que se acautele, e seja pontual no dia do vencimento, aliás pagará por todos.

SALARINO

A sua lembrança vem a proposito; hontem, conversando eu com um francez, disse-me elle que no estreito que separa a França da Inglaterra naufragára um navio nosso que trazia carga preciosa; ouvindo esta noticia, pensei logo em Antonio, e fiz votos para que essa navio não fosse seu.

SALANIO

Diga sempre a Antonio o que ouviu, mas com cautela, para não o affligir de mais.

SALARINO

Não ha no mundo coração que melhor comprehenda a amizade. Fui testemunha da sua despedida de Bassanio. Este dizia-lhe que apressaria o seu regresso. Não faça tal, lhe replicou Antonio, não descure os seus negocios por minha causa; fique, Bassanio, o tempo que lhe for preciso. Quanto á decla-

ração que fiz ao judeu, peço-lhe que a sua lembrança não anuvie os seus amores; esteja alegre, pense na sua namorada, e manifeste desassombradamente os seus sentimentos. Dito isto, com os olhos arrasados de lagrimas, estendeu-lhe a mão voltando o rosto, e depois de lh'a apertar energicamente despediram-se e separaram-se.

SALANIO

Creio sinceramente que não vive senão para o amigo. Vamos encontral-o, peço-lh'o, e procuremos por qualquer modo arrancal-o á melancolia que o domina e em que parece deleitar-se.

SALARINO

Vamos já. (Retiram-se.)

SCENA IX

Uma sala no castello de Porcia, em Belmonte

Entra NERISSA com um creado

NERISSA

Avie-se, corra a cortina; o principe de Aragão prestou já o juramento, e n'um momento estará aqui para fazer a sua escolha. (Ouvem-se sons de clarins.)

Entram PORCIA, o PRINCIPE e as suas comitivas

PORCIA

Eis-ahi os cofres, nobre principe. Se escolher o que contém o meu retrato, o nosso casamento celebrar-se-ha immediatamente; mas se a sorte o desfavorecer partirá d'estes sitios sem proferir uma palavra.

O PRINCIPE

O meu juramento impõe-me tres condições: de nunca revelar o cofre que escolhi; de nunca fallar em casamento a mulher alguma; se for mal succedido, partir immediatamente.

PORCIA

Sabe, principe, que aquelles que se submettem ás provas para obter a minha mão, aindaque me julgo indigna de tal honrá, juram de antemão conformar-se com as condições.

O PRINCIPE

Estou prompto; agora, fortuna, favorece as minhas esperanças. O ouro, a prata, o chumbo vil se apresentam a meus olhos. O que estará escripto n'este ultimo cofre? *Quem me escolher, deve-se a muito atrever.* Não me tentas bastante para que me atreva por ti. Que diz o cofre de ouro? Vejamos: *Escolhe-me, e terás o que muitos desejam.* Por *muitos* pretende-se provavelmente designar a multidão ignara que as apparencias illudem, confiando cegamente no testemunho da vista, que não procura ver o interior das cousas, mas simillhante ás andorinhas, construe o ninho no exterior dos muros, sem abrigo contra os ventos e as chuvas. Não quero escolher o que muitos desejam, para me não confundir com o vulgo e com as massas ignorantes. Dize-me, cofre de prata, o que te escreveram? *Escolhendo-me, escolhes o que mereces.* Isto sim, que é verdade. Ninguem deve enganar a fortuna ou recolher as honras, sem que tenha o cunho do merito. Ninguem sonhe com dignidades, que não mereça. Quanto seria para desejar que riqueza, postos e empregos não fossem devidos á corrupção, que todas as honras fossem justificadas pelo merecimento d'aquelle que as recebe! Quanta baixeza seria necessario extirpar da seara da verdadeira honra? Quantas sementes honradas se colheriam no meio da mais vil palha? Mas voltemos á escolha. *Escolhendo-me, escolhes o que mereces.* Parece-me bem que mereço; dê-me pois a chave d'este cofre para o abrir, e n'elle encontrar a minha felicidade. (Abre o cofre.)

PORCIA

Não valia a pena demorar-se tanto tempo para n'elle achar o que vac ver.

O PRINCIPE

Que vejo? O retrato de um pobre idiota que me apresenta um papel! Quero lê-lo. Que diferença, santo Deus, entre ti e Porcia; quanto me enganei nas minhas esperanças, e no que tinha jus a desejar! *Escolhendo-me, escolhes o que mereces.* Merecia eu porventura o retrato de um idiota? é essa a minha recompensa? nada mais merecia?

PORCIA

Não se pôde ao mesmó tempo ser juiz e parte; são duas cousas diametralmente oppostas.

O PRINCIPE

Sempre quero ler.

Sete vezes successivas
Fui ao fogo a temperar;
Outras tantas, no seu lar,
Curte o sabio alternativas.

Poderá gabar-se alguem,
Nas andanças do seu fado,
De não ter jamais errado
A escolha entre o mal e o bem?

Através de nevoa escura
Tomam não poucos varões
O espectro das illusões
Pela imagem da ventura.

Sobram nescios magistraes
D'onde a rudez se evapora
Bem que de prata por fóra:
Eu, por mim, sou d'esses taes.

Que busques no borborinho
Ruiva ou loura ou d'outra côr,
És copia minha, senhor:
Entrouxa e põe-te a caminho.

Quanto mais aqui me demorar, mais estúpido partirei. Se não valia um tonto quando aqui cheguei, hoje com certeza valho por dois. Adeus, encantadora Porcia, o meu juramento sopeia a minha colera. (O principe sáe com a sua comitiva.)

PORCIA

A mariposa queimou finalmente as azas. Estes loucos, com o juizo em seu logar, quando chegam a escolher, têm o dom de perder racionalmente.

NERISSA

Bem certo é o dictado: «Casamento e mortalha no céu se talha».

PORCIA

Vamos, Nerissa, corre outra vez a cortina.

Entra um CREADO

O CREADO

Onde está a senhora?

PORCIA

Aqui estou, que me queres?

O CREADO

Senhora, apresentou-se á sua porta um rapaz veneziano, que annuncia a chegada de seu amo. Apresenta-lhe da sua parte mil respeitosas saudações e cumprimentos de polidez, afóra riquissimos presentes. Nunca vi mensageiro de amor que melhor comprehendesse o seu cargo; nunca abril, quando annuncia a primavera, mostrou ar mais risonho do que este mensageiro de seu amo.

PORCIA

Basta! Receio que ainda descubras que é teu parente, pois tantas palavras gastas em elogial-o. Vem, Nerissa. Estou impaciente por ver um correio de Cupido, que com tanta graça se apresenta.

NERISSA

Amor, faz com que seja Bassanio. (Sáem todos.)

Fim do segundo acto

THE HISTORY OF THE

1771

1771

1771

1771

1771

1771

1771

1771

ACTO TERCEIRO

SCENA I

Uma rua em Veneza

Chegam SALANIO e SALARINO

SALANIO

Que novas trazes do Rialto?

SALARINO

Confirma-se o boato que naufragára no estreito um dos navios de Antonio, ricamente carregado; o estreito creio chamar-se de Goodwin; tem um baixo mui perigoso e fatal; mais de um navio de alto bordo n'elle encontrou sepultura, se verdade é o que a tal respeito ouvi contar.

SALANIO

Deus queira que seja falso, e que não passe de um conto de senhoras vizinhas, que pretendem fazer crer ás outras as mais inverosímeis historias; mas n'este caso creio ser infelizmente verdade o que se diz. Para não me servir de phrases prolixas e abandonar o caminho trilhado da singeleza, o pobre Antonio, o honrado Antonio, não acho epitheto assás elevado para lhe applicar.

SALARINO

Vamos ao facto.

SALANIO

O pobre Antonio, infelizmente, perdeu um dos seus navios.

SALARINO

Que n'isto parem as suas desgraças, é o que eu peço a Deus.

SALANIO

E eu apresso-me em responder *amen*, com receio que o demonio venha atravessar a minha supplica, porque eil-o debaixo da fórma de um judeu.

Chega SHYLOCK

SALANIO

Shylock, que novas trazes da praça?

SHYLOCK

Já as sabe, porque ninguem melhor do que o senhor sabe que minha filha fugiu!

SALARINO

É verdade, conheço até o fabricante que talhou as azas com que voou do tecto paterno.

SALANIO

E Shylock mesmo não podia ignorar que a avesinha já estava empennada, e é cousa sabida que quando as aves chegam a esse ponto, abandonam o ninho em que foram creadas.

SHYLOCK

Maldita seja!

SALARINO

Sem duvida o será, se o demonio for a julgal-a.

SHYLOCK

Ver revoltar-se contra mim o meu sangue e a minha carne

SALANIO

Não tem vergonha, Shylock, de ainda ter taes pensamentos?

SHYLOCK

É da minha filha que fallo, que é o meu sangue e a minha carne.

SALARINO

Mais dissimilhante é a sua da carne d'ella, do que o azeviche do marfim; o seu sangue assemelha-se tanto ao sangue d'ella, como o vinho tinto ao do Rheno. Mas, diga-me, sabe se Antonio soffreu algum revez no mar?

SHYLOCK

Era ainda o que me faltava! um bancarroteiro, um perdulario, que mal se atreve a apparecer no Rialto, um miseravel que se espanejava todo na praça; que se lembre da sua declaração; chamava-me usurario! acautele-se, digo-lh'o eu; emprestava dinheiro com caridade christã? Tenho a sua declaração; não se esqueça de que está em meu poder.

SALARINO

Creio que se elle faltasse não exigiria a sua carne; para que lhe servia?

SHYLOCK

Para iscas! e se para mais nada servisse, servia para eu saciar o meu odio. Aos seus motejos devo o desprezo que sobre mim pesa; não fôra elle, mais milhão e meio teria ganho. As minhas perdas eram motivo para o seu escarneo; zombava dos meus lucros, insultava a minha nação, contrariava as minhas operações, roubava-me os amigos e animava os meus inimigos, e porque? porque sou judeu! um judeu! Não terá elle olhos, não terá elle tambem mãos, um corpo, órgãos, sentidos, affeições e paixões, nutrir-se-ha elle differentemente, não é elle vulneravel como os christãos, não o molestam as mesmas queixas, não o curam os mesmos remedios, não tem n'elle

igual acção o frio do inverno e o calor do verão? Fira-me, e o meu sangue gotejará como o do christão; o contacto inesperado dos seus dedos far-me-ia estremecer como qualquer christão; se me offender, como elle me vingarei. Homens como vós, qual é pois a differença que ha entre nós? Qual será o resultado, se um hebreu insultar um christão? é este vingar-se. Quando um christão insultar um hebreu, qual deve ser a consequencia? imital-o, vingando-se tambem. Ensinastes-me a perversidade, ó christãos, asseguro-vos que a aprendi; servir-me-hei d'ella, e se podér excederei os meus mestres.

Chega um CREADO

O CREADO

Senhores, meu amo, o senhor Antonio, está em casa e deseja fallar a ambos.

SALANIO

Desejo bem vel-o!

Chega TUBAL

SALANIO

Foram tallados pelo mesmo molde, nem ha outro igual, a menos que o proprio demonio não mude de diabo para judeu.

(Salanio e Salarino saem.)

SHYLOCK

Tubal! que novas me trazes de Genova, descobriste minha filha?

TUBAL

Novas colhi eu, achal-a foi impossivel.

SHYLOCK

Ora ahi está! perco um diamante que me havia custado em Franckfort dois mil ducados. Agora é que a maldição divina assenta irrecusavelmente sobre a nossa nação; nunca a havia sentido até este dia. Dois mil ducados que perco, alem de

muito preciosas joias, muito preciosas. Porque não morreria minha filha a meus pés, com os diamantes feitos brincos; porque não jaz ella immovel no seu tumulo com os meus ducados? E não haver novas! que hei de fazer? Deus sabe que quantias ainda terei que gastar em pesquisas! uma desgraça nunca vem só; perco o que me roubaram e o que despendo para descobrir o roubo. Nem poder alegrar-me, nem poder vingar-me! sobre mim só chovem as desgraças, dor igual á minha não a ha, lagrimas assim ainda não verteram olhos humanos!

TUBAL

Não é só na desgraça. Antonio, pelo que ouvi em Genova...

SHYLOCK

O que dizes, Tubal? uma desgraça? uma desgraça?

TUBAL

Perdeu um dos seus navios que vinha de Tripoli.

SHYLOCK

Louvado seja Deus! será verdade? se o é, graças, meu Deus!

TUBAL

Fallei com marinheiros que se salvaram do naufragio.

SHYLOCK

Obrigado, bom Tubal. Boas novas, boas novas! Onde t'ou disseram? em Genova? ah! ah! ah! (Rindo.)

TUBAL

Tambem me disseram em Genova que tua filha gastára em uma só noite oitenta ducados.

SHYLOCK

Cravas-me um punhal no coração; nunca mais verei os meus ducados! oitenta ducados de uma vez! oitenta ducados!

TUBAL

Voltando para Veneza, vim com alguns credores de Antonio, que me disseram que a sua fallencia era certa.

SHYLOCK

Quanto o estimo! Hei de fazel-o padecer, hei de tortural-o; alegro-me devéras.

TUBAL

Um d'elles mostrou-me um annel que recebêra de sua filha para pagar um macaco que comprára.

SHYLOCK

Desgraçada! Matas-me, Tubal. Era a minha turqueza que a um rapaz comprei em Leak; não a dava por um regimento de macacos.

TUBAL

Mas será certo estar Antonio arruinado?

SHYLOCK

É verdade e bem verdade. Tubal, vae procurar um official de justiça; quero-o disponivel estes quinze dias; se Antonio me não pagar, arrancar-lhe-hei o coração, porque morrendo elle, posso livremente recommençar todos os meus negocios; avia-te, Tubal; depois vem encontrar-te commigo na synagoga; vae. Tubal, na synagoga, Tubal. (Afastam-se.)

SCENA II

**Belmonte; uma sala no castello de Porcia
Os tres cofres á vista**

Entram BASSANIO e as suas comitivas, PORCIA com o sequito,
GRACIANO e NERISSA

PORCIA

Não se apresse, senhor, por Deus lh'ó peço; espere um dia ou dois antes de se sujeitar á sorte, porque se escolher mal,

fico privada da sua convivencia; portanto peço-lhe que adie; sinto (não é o amor que em mim falla) que me pezaria vel-o partir; sabe tambem que não é a aversão que inspira taes pensamentos, mas quero melhor fazer-me perceber (e contudo uma donzella não diz senão o que lhe dicta o pensamento); quereria retel-o aqui um mez ou dois, antes de o ver arriscar o seu destino pelo meu. Poderia ajudal-o na escolha, mas tornar-me-ia perjura, e tal nunca serei. Por esse modo é impossivel obter-me; mas se não for bem succedido, pungir-me-ha o remorso, culpando-me de não ter perjurado. Seus olhos olharam-me e me dividiram em duas partes; uma pertence-lhe, outra é sua, perdão, queria dizer minha; mas sendo minha, como não é sua tambem, pois sou toda sua? Oh! destino injusto e cruel! que alevanta barreiras entre a propriedade e o proprietario, poisque sendo sua, sabe Deus se lhe pertencerei. Não importa, seja a sorte a culpada, nunca eu. Sei que demasiado fallo, é para matar o tempo, para adiar e afastar o momento decisivo da escolha.

BASSANIO

Por Deus, deixe-me escolher, assim em vez de uma, mil vezes sou torturado.

PORCIA

Torturado, Bassanio? confesse pois que o amor se associa á traição.

BASSANIO

Isso nunca! só receio perder aquella que amo; essa duvida mata-me. Mais facil é haver a sympathia entre o fogo e a neve, do que conluio entre o amor e a traição!

PORCIA

Sim, mas receio que as suas palavras sejam obrigadas, como as que a dor arranca.

BASSANIO

Prometta-me a vida, e toda a verdade confessarei.

PORCIA

Viva, e confesse.

BASSANIO

Confesse e ame, seria mais grato aos meus ouvidos, porque seria toda a minha confissão. Oh! feliz tortura, quando o meu algoz me suggere as respostas que devem trazer-me a felicidade. Por Deus, deixe-me tentar fortuna e fazer a minha escolha.

PORCIA

Seja, pois. Estou encerrada em um dos cofres; o seu amor lh'o indicará. (Ás pessoas do seu sequito e a Nerissa.) Nerissa e os outros que se afastem um pouco. Tanjam os instrumentos em quanto escolher; se for mal succedido, finar-se-ha como o cysne entre harmonias, e para que a semelhança seja mais perfeita, de meus olhos borbulhará a onda limpida, que será o seu leito de morte. Se for bem succedido, o que será então a musica? será o clarim que resoa no momento em que os subditos leaes se curvam diante do monarcha recentemente coroado. Será uma suave melodia, que ao apparecer dá auro-ra acaricia os ouvidos do namorado embalado em doces sonhos e o chama ás aras do hymeneu. Eil-o que se adianta, com magestade não menor, mas maior amor, que o joven Alcides quando libertou a dolorida virgem offerecida pela desditosa Troia, em tributo ao monstro dos mares. Eu sou a victima que cumpre ser immolada; os que me vêem são os troyanos que com os olhos arrasados de lagrimas presenceiam o desfecho. Valor, Hercules, vive e eu te deverei a vida. Espectadora do combate, estou mais commovida do que tu, que caminhas desassombrado. (Ouve-se musica enquanto Bassanio examina os cofres e consulta o seu espirito.)

UMA VOZ (canta)

Onde tem o amor nascença?
 Onde vivaz se condensa?
 Onde reforça a cresecença?
 É na cabeça ou é no coração?

OUTRA VOZ (canta)

Os olhos são d'alma a falla,
 Nos olhos o amor se embala;
 D'elles seu fogo se exhala;
 E são seu termo, e seu sepulchro são!

O CORO

Cantemos funebres hymnos
 E suppra o dobre dos sinos
 O festivo carrilhão:
 Dlin! Dlan! Dlão!

BASSANIO

É muito provavel que o mais brilhante involucro occulte o objecto mais ordinario. Assim nos enganam no mundo os europeis. Em justiça, qual é a causa ruim e impura que uma voz persuasiva não possa salvar? Em religião, qual é o erro condemnavel que um homem grave não possa justificar com textos formaes, e ao qual destroe a peçonha com o balsamo das flores de que o reveste? Não ha vicio tão evidente que não se revista exteriormente com algum dos attributos da virtude. Quantos cobardes, cujo valor é tão falso como uma escada de areia, usam comtudo a barba de Hercules ou a do valoroso Marte? Se os examinassem interiormente, achar-lhes-iam o fígado branco como leite; e com o valor na bôca, têm a cobardia no coração! E a belleza! os seus attractivos colhe-os no balcão do mercador; opera-se um milagre nas leis da natureza; as mulheres que mais se carregam de enfeites de emprestimo, são as que menos graves são; assim são esses dourados cabellos, com as suas ondeantes madeixas, com as quaes o zephyro loução brinca; e muitas vezes é a segunda cabeça que recobre esse ornato fallaz, porque o craneo que os produziu ha muito jaz no tumulo. Os enfeites são a praia enganadora, descendo a qual nos vamos engolphar n'um mar perigoso; são a faixa brilhante que vela a belleza indiana, n'uma palavra, são a similhaça da verdade a que se apega a astucia, para prender a humanidade nos seus laços. É por isso que te desprezo, brilhante ouro, duro alimento de Midas,

e a ti tambem, pallido metal, agente desprezivel entre homem e homem. Mas tu, desprezado chumbo, que nada me promettes, tens para mim uma eloquente simplicidade; escolhendo-te a ti, Deus ponha na minha escolha a felicidade.

PORCIA

Como todas as paixões se dissipam no ar, a suspeita inconstante, o desespero brutal, o receio vacillante, o ciume com o seu olhar livido! oh! amor! modera-te, tempera o teu extasis, não dês livre curso ao teu prazer, reprime os teus excessos; sobreposse é a minha ventura, soffreia-a, receio que assoberbe e prostre o meu pobre corpo!

BASSANIO (abrindo o cofre de chumbo)

Que vejo? O retrato de Porcia! Que semi-deus se approximou jamais tanto da creatura? Serão os seus olhos que se movem, ou será a inconstancia dos meus que m'ò faz crer? Labios são estes que entreabertos exalam um halito embalsamado; uma tão doce barreira porque separou dois ternos amigos? em representar os seus cabellos, desenvolveu o pintor toda a arte de Arachne; teceu uma aurea rede, em que mais rapidos se prendem os corações humanos, do que as borboletinhas nas teias de aranha. Mas os seus olhos! santo Deus! como pôde elle fital-os; acabado um, esse forçosamente o fulminou, roubando-lhe os sentidos, obrigando-o a deixar a sua obra incompleta; e comtudo a copia morre junto do modelo vivo, assumpto dos meus elogios, que a desprimoram; como a fôrma é inferior á substancia. Eis o escripto que contém o teor e o resumo da minha ventura. (Lê.)

Tu que não olhas sómente
Aos attrahentes ardis,
Applaudes a escolha feliz
Do teu juizo prudente.

Pois se te leva ao galarim
A tua sorte ditosa,
Alegre a fortuna gosa
De que o céu te dota emfim.

Da ventura que te cabe
 Se te contenta o quinhão,
 Se entender esta lição
 O teu espirito sabe,

Volve os olhos com ardor
 A quem anhela a tua alma,
 E acharás triumpho e palma
 N'um beijo — beijo d'amor!

Oh! palavras abençoadas! Encantadora dama, permite-me?
 (Dá-lhe um beijo.) Venho auctorizado pelo escripto a dar e receber;
 semelhante ao athleta que combate na arena, e julga ter merecido a approvação da multidão; se ouve atroar os ares com applausos e acclamações unanimes, olha em torno de si, e chega a duvidar que essas ovações lhe sejam dirigidas; o mesmo me acontece, bella Porcia; duvido da realidade do que vejo, e espero para o acreditar que a sua bôca o atteste, confirme e ratifique.

PORCIA

Senhor Bassanio, vê-me na sua presença tal qual sou; quanto a mim contento-me de ser como sou, e pouco mais poderia desajar; mas para ser sua, quizera valer sessenta vezes mais, ser mil vezes mais bella e dez mil vezes mais rica: para ter a seus olhos mais valia, quereria possuir em virtudes, riqueza e formosura um thesouro inexgotavel; comtudo o conjuncto de todas as minhas qualidades ainda tem algum valor. O que sou eu? uma donzella simples, inexperiente e ingenua; feliz de ainda ser nova para poder aprender, e graças a Deus não tão falta de intelligencia que não me possa instruir; feliz ainda por ser docil, para me submeter sem hesitar á sua vontade, reconhecendo-o por meu senhor, meu soberano e meu rei. Porcia, e tudo quanto é d'ella, pertencem-lhe; ainda ha pouco dizia meu este bello castello, era ama de todos estes creados, era toda minha; agora, castello, creados e eu, pertencemos-lhe, meu senhor; tudo receba com este annel; se lhe acontecer separar-se d'elle, dal-o ou perdel-o, será signal para mim de funesto presagio de perder o seu amor, e que de todo de mim se esqueceu.

BASSANIO

Minha senhora, as suas palavras embargam-me a voz; só lhe falla o meu sangue que pulsa nas minhas veias, e sinto nas minhas idéas uma desordem igual ao murmúrio confuso da multidão encantada com a benevola allocução de um príncipe estimado; quando todos os sentimentos se confundem n'um só, o que póde haver na alma alem de um ineffavel prazer expresso ou mudo? Mas, acredite-me, se vir este anel separado do meu corpo, é porque elle já não tem vida, e poderá afoutamente dizer: Bassanio já não existe.

NERISSA

Meu senhor e minha encantadora senhora, testemunha da sua felicidade, que eu tanto lhes desejava, recebam os meus parabens. Sejam sempre felizes, senhora e senhor meus.

GRACIANO

Senhor Bassanio, e minha bella senhora, desejo-lhes todas as felicidades, que possam desejar, porque sei que nada poderiam desejar em detrimento da minha ventura. Permittam pois, que no dia em que se celebrar solememente o seu enlace, o meu tambem seja abençoado.

BASSANIO

Da melhor vontade, o caso é achar uma noiva.

GRACIANO

Agradeço a vossa senhoria; deparou-m'a já. Os meus olhos valem tanto como os seus! O senhor viu a ama, eu a aia; o seu coração amou, o meu tambem; os nossos amores caminharam a par. Dos cofres dependia a sua felicidade, a minha tambem, assim o provam os factos: effectivamente, depois de suar bagas de agua e de sangue, para conseguir agradar, depois de seccar a garganta protestando o meu amor, obtive por fim, se as promessas têm valor, uma da linda Nerissa. Prometteu-

me o seu coração, se a sua boa sorte, meu senhor, lhe obtivesse a mão da ama.

PORCIA

Dize-me, Nerissa, se é verdade?

NERISSA

Assim é, se a minha boa senhora consentir.

BASSANIO

É firme o seu proposito, Graciano?

GRACIANO

É cousa assente.

BASSANIO

Folgámos devéras de sermos companheiros nas benções nupciaes.

GRACIANO (a NERISSA)

Façámos com elles uma aposta de 10:000 ducados, sobre qual das uniões será primeiro pelo céu abençoada.

NERISSA

É preciso que os dois queiram para que se realise a aposta.

GRACIANO

É um jogo em que não basta só a nossa vontade para ganhar. Mas quem se aproxima? Ah! é Lourenço e a sua bella infiel, e mais o meu velho amigo Salerio!

Entram LOURENÇO, JESSICA e SALERIO

BASSANIO

Lourenço e Salerio, bemvidos sejam, se contudo a minha influencia não é ainda muito nova, para que a use assim para com os senhores. Com sua licença, Porcia, disse aos meus amigos e conterraneos aqui presentes, que bemvidos sejam.

PORCIA

Outro tanto lhes digo eu: enquanto a mim, sempre bem-vindos.

LOURENÇO

Mil vezes obrigado, minha senhora! Não tencionava vir vel-o aqui, sr. Bassanio, mas encontrei Salerio, que me pediu que o acompanhasse, e eu não soube recusar.

SALERIO

É verdade, meu senhor, tinha as minhas razões para lh'o pedir. O sr. Antonio recommenda-se-lhe muito. (Dá-lhe uma carta.)

BASSANIO

Antes de eu abrir esta carta, diga-me, como está de saude o meu bom amigo?

SALERIO

Nem bem, nem mal, a menos que a sua molestia ou a sua saude não sejam de uma natureza toda moral; mas pelo conteúdo da carta melhor conhecerá qual é o seu estado de saude.

GRACIANO (indicando JESSICA)

Nerissa, entrego-te esta estrangeira, acolhe-a carinhosamente, vê bem que nada lhe falte! A sua mão, Salerio! que noticias trazes de Veneza? como está Antonio, o honrado negociante. Como vão os seus negocios? Estou certo que ficará contentissimo em sabendo a nossa felicidade. Somos os Jazões que conquistámos o vello de ouro.

SALERIO

Prouvera a Deus, que tivessem conquistado o que elle perdeu.

PORCIA

Bem tristes novas deve por certo conter essa carta, porque Bassanio empallideceu ao lê-la. Trata sem duvida da morte de alguém, que bem caro lhe é; nenhuma outra nova poderia trans-

tornar a tal ponto as feições de um homem que tem tanta coragem! Mas que! de mal para peor. Permitta, Bassanio, que seja a sua metade, e reclame ser a segunda na sua dor, qual-quer que ella seja. Confie-me o conteúdo d'essa carta!

BASSANIO

Querida Porcia, nunca papel algum conteve mais negras linhas. Mulher encantadora! quando pela primeira vez lhe confessei o meu amor, disse-lhe que toda a minha fortuna se reduzia ao sangue que me corre nas veias, e que era homem honrado, e disse-lhe então toda a verdade; verá porém, querida Porcia, que me avalei acima da verdade; devia-lhe ter dito que menos que cousa alguma valia, porque, para obviar ás minhas necessidades, malquistei o meu melhor amigo com o seu mais implacavel inimigo. Eis uma carta cujo papel é o corpo do meu amigo, e em que cada palavra é uma ferida aberta, da qual goteja o seu sangue extinguindo-lhe a vida. Mas será verdade, Salerio? falharam todas as suas operações mercantis. Que? pois nem uma só foi bem succedida? De todos os seus navios, que vinham de Tripoli, do México, de Inglaterra, de Lisboa, da Barbaria e da India, nem um só pôde escapar ao embate temivel dos escolhos inimigos?

SALERIO

Nem um só! Alem d'isso é certo que suppondo mesmo que possuisse agora a quantia necessaria para embolsar o judeu, este recusaria acceital-a. Nunca vi creatura humana mais encarniçadamente empenhada em perder um homem. Desde a manhã até á noite importuna o doge, e declara que nem ao estado se pôde dar credito, se lhe for negada a justiça. Vinte negociantes, o proprio doge, os senadores mais illustres, tentaram debalde demovel-o do seu feroz intento: não foi possivel fazel-o ceder da odiosa obstinação de reclamar o cumprimento litteral do que na declaração de Antonio fôra estipulado.

JESSICA

Quando ainda estava em casa de meu pae, ouvi-o jurar perante os seus correligionarios Tubal e Izaac, que preferia a carne de Antonio á quantia emprestada, dez vezes dobrada; e tenho a certeza, senhor, que se a lei, a auctoridade e os poderes não se oppozerem, o pobre Antonio tem tudo a receiar.

PORCIA

Quer muito como amigo ao homem que se acha collocado n'essa tão critica posição?

BASSANIO

É o meu maior amigo; melhor não o ha; bemfazejo e incansavel em fazer o bem; o homem em quem se reproduz a antiga honra romana, mais que em qualquer outra alma viva em Italia.

PORCIA

Quanto deve elle ao judeu?

BASSANIO

Deve-lhe por minha causa 3:000 ducados!

PORCIA

Tão pouco! pague-lhe 6:000, e rasgue a declaração; dobre e triplique a somma, antes do que padeça um só cabello da cabeça do seu amigo por culpa de Bassanio. Antes de tudo vamos á igreja, para me receber por esposa; depois parta immediatamente para Veneza a encontrar o seu amigo; porque Porcia nunca consentirá que tome logar a seu lado com o espirito inquieto e sobresaltado. Tem todo o ouro que lhe for preciso para solver essa mesquinha divida; paga a divida, volva aqui com o seu amigo. Durante a sua ausencia, Nerissa e eu faremos vida de viuvras e donzellas. Venha, pois, é forçoso que parta mesmo no dia do casamento; acolha os seus amigos: mostre-lhes um ar prazenteiro; quantas ancias me tem custado! mas augmentam o meu amor. Vejamos o que o seu amigo lhe escreve.

BASSANIO (lendo)

Querido Bassanio. Perdi todos os meus navios; assaltam-me todos os meus credores, não pôde ser peor o estado dos meus negocios, não pude pagar ao judeu no dia fatal, e como não posso salvar a honra senão pondo fim á vida, perdôo-lhe todas as dividas, comtanto que o veja antes de morrer; mas não quero senão o que lhe dictar o coração: se a sua amisade não lhe disser que venha, não quero que a minha carta a isso o obrigue.==
Antonio.

PORCIA

Basta, Bassanio, parta sem detença.

BASSANIO

Já que m'ò permite, não me detenho um momento; mas até que volte, nenhum leito será cúmplice na minha demora, nenhum repouso se interporá entre Porcia e Bassanio.

SCENA III

Uma rua de Veneza

Chegam SHYLOCK, SALANIO, ANTONIO e um carcereiro

SHYLOCK (Ao carcereiro)

Não o perca de vista; pedir-me indulgencia é trabalho perdido. Eis-ahi o imbecil, que emprestava sem pedir juros, não m'ò perca de vista.

ANTONIO

Escute-me ao menos, meu bom Shylock.

SHYLOCK

Pague-me o que me deve; dispenso explicações a este respeito. Jurei que havia de ter o que me é devido. Chamaste-me cão; que rasões tinhas para tal? Pois bem, já que sou cão, sei e hei de morder, e obterei justiça do doge. Admira-me,

carcereiro estúpido, que tenhas a condescendencia de saír com elle, só por elle t'ó pedir.

ANTONIO

Por Deus, ouça-me.

SKYLOCK

Pague o que me deve; nada quero ouvir; nada quero ouvir; quero o que me é devido; escusa de me importunar. Não sou d'esses tontos que se enternecem, sacodem a cabeça, deixam-se dobrar e cedem ás supplicas dos christãos. Não me siga, não me enfade mais, quero o que me é devido. (Afasta-se.)

SALANIO

É o bruto mais desalmado, que tenho visto, e que vive entre homens!

ANTONIO

Deixemol-o; não o quero enfastiar mais com supplicas inúteis. Quer a minha vida? sei o motivo; livreí tantas vezes das suas garras, grande numero dos seus credores que me pediram o meu auxilio; eis a rasão do seu odio.

SALANIO

Tenho a certeza de que o doge não consentirá, que seja válido um tal contrato.

ANTONIO

O doge não póde impedir o curso da lei. Se o beneficio d'essa lei for negado; ficava offendida a justiça do estado, aos olhos dos estrangeiros, que haviam de ver n'esse acto um cerceamento dos seus privilegios, caso grave n'uma cidade como Veneza, cuja riqueza é fructo do seu commercio com todas as nações. Vamos.—Os meus desgostos e as minhas desgraças abateram-me a tal ponto, que muito será se ainda amanhã tiver uma libra de carne para entregar ao meu sanguinario algoz! Meu Deus! Bassanio ao menos me venha ver, pagando d'esse modo a sua divida, depois morrerei contento. (Sáem.)

SCENA IV

Belmonte, o castello de Porcia

Entram PORCIA, NERISSA, LOURENÇO, JESSICA e BALTHAZAR

LOURENÇO

A minha senhora, ousou dizel-o na sua presença, comprehende nobre e dignamente a divina amisade; dá uma prova bem evidente d'isso, resignando-se á ausencia de seu esposo. Mas, se conhecesse o homem por quem tanto faz; se soubesse quanto é honrado aquelle a quem tal serviço presta, amigo dedicado a mais não ser de seu marido, estou certo que teria orgulho da boa acção que praticou, orgulho que não se assemelha á consciencia de uma boa acção ordinaria.

PORCIA

Nunca me arrependi de praticar o bem, e não seria hoje que o faria; porque entre dois amigos que juntos conversam e passam a vida, cujas almas estão unidas pela mais santa affeição, deve haver uma conformidade de physionomia, de costumes e de character. É o que me faz crer que Antonio, por isso que é o seu amigo intimo, se deve parecer com meu marido. Se assim é, terei comprado por bem diminuto preço o prazer de arrancar essa imagem da minha alma ao poder de uma crueldade infernal. Mas receio fazer o meu proprio elogio; basta sobre o assumpto. Lourenço: confio-lhe o governo e a direcção da minha casa até ao regresso de meu marido. Fiz voto secreto de viver orando e em contemplação, sem mais companhia que a de Nerissa, até á volta do meu esposo e do d'ella. Duas leguas distante ha um mosteiro; será a nossa residencia. Não recuse o encargo que n'esse momento lhe impõe a minha amisade por ponderosas razões.

LOURENÇO

Acceito-o, minha senhora! da melhor vontade; obedecer-lhe-
hei em todo o desejo legitimo.

PORCIA

Os meus creados já são sabedores das minhas intenções:
obedecer-lhe-hão e a Jessica, como se fosse a Bassanio e a
mim. Adeus, saudo-os até á volta.

LOURENÇO

O céu lhe conceda agradaveis pensamentos e momentos
felizes!

JESSICA

Minha senhora, desejo-lhe do coração todas as venturas.

PORCIA

Agradeço-lhes do fundo d'alma, e com iguaes desejos lhes
retribuo. Adeus, Jessica. (LOURENÇO e JESSICA sácm.) Escuta-me
Balthazar, até hoje foste fiel e dedicado; sê-o-has sempre.
Toma esta carta, vae a Padua com a celeridade possivel, e
entrega-a em mão propria a meu primo, o dr. Bellario, rece-
berás os papeis e os fatos que elle te entregar, e leval-os-has
imediatamente ao sitio d'onde partem os navios que ordi-
nariamente fazem a viagem entre o continente e Veneza. Não
percas tempo em conversas, avia-te, lá te esperarei.

BALTHAZAR

Tudo farei o mais depressa que poder. (Sác.)

PORCIA

Approxima-te, Nerissa, tenho um projecto que ainda não
conheces; veremos nossos maridos mais cedo do que elles es-
peram.

NERISSA

E elles ver-nos-hão?

PORCIA

Sem duvida alguma, Nerissa, mas debaixo de um tal dis-

farce, que lhes será impossivel reconhecer-nos. Quando estivermos vestidas de jovens cavalleiros, aposto tudo quanto tu quizeres, que hei de ser eu, que melhor, e com mais graça saberei usar a adaga; verás como hei de ter a voz aflautada do rapaz chegado á idade em que deixa de ser creança para entrar na adolescencia; verás como hei de transformar o meu andar modesto, no caminhar masculino e galhardo, como hei de contar as minhas proezas, qual outro Rodamonte; hei de mentir espirituosamente, a respeito das paixões que inspirei a senhoras de elevada gerarchia, e contar quantas adoeceram e morreram por causa da minha indifferença; como podia eu dedicar-me a todas? Depois deixarei perceber alguns tardios remorsos de ter involuntariamente causado tantas desgraças; contarei com um tal tom de verdade todas estas minhas invenções, que os homens, quando me virem, hão de jurar que saí do collegio ha mais de um anno; tenciono inventar milhares d'essas proezas, tu verás.

NERISSA

O que? pois nós vamos tornar-nos homens?

PORCIA

Cala-te, Nerissa, quem te diz tal? felizmente que não ha aqui ninguem que possa dar um mau sentido ás nossas palavras! Vem; dir-te-hei todo o meu projecto, quando estivermos na carruagem que nos espera á porta do parque; mas aviemo-nos que ainda hoje temos que andar vinte millhas. (Sãem.)

SCENA V

O jardim do castello de Belmonte

Entram LANCELOTO e JESSICA

LANCELOTO

Sim, bem vê que os peccados dos paes recáem sobre os filhos; por isso tremo pela sua salvação; sempre fui franco e

portanto digo-lhe tudo quanto penso; mas já nada tem que receiar, porque em consciencia creio que a sua alma já está condemnada; só lhe resta uma esperança de que valha a pena fallar, mas é uma esperança pouco legitima.

JESSICA

E qual é essa esperança?

LANCELOTO

Seria . . . que não fosse filha de um judeu.

JESSICA

Effectivamente seria essa uma esperança pouco legitima; mas mudava-se a culpa do pae para a mãe.

LANCELOTO

A fallar a verdade, creio que não póde evitar a sua condemnação, quer por parte do pae, quer por parte da mãe: querendo fugir de Scylla seu pae, cáe em Charybdes sua mãe; não tem salvação possivel.

JESSICA

Mas salvar-me-ha o marido, fazendo-me christã.

LANCELOTO

Isso ainda é peor; christãos bastantes já havia, para não tornarem a vida demasiado cara uns aos outros. Com esta mania de fazer christãos sobe o preço dos porcos; se todos começarem a comer essa carne, dia virá em que se não poderá comprar um porco, seja por que preço for.

Entra LOURENÇO

JESSICA

Lanceloto, conta a meu marido tudo quanto acabas de dizer-me; mas eil-o que chega a proposito.

LOURENÇO

Sabes tu, Lanceloto, que posso vir a ter ciumes de ti, se continuares a fallar assim em particular a minha mulher ?

JESSICA

Podes estar completamente descansado a tal respeito, Lourenço. Lanceloto e eu estavamos disputando; disse-me que nada tinha a esperar da misericordia divina, porque sou filha de um judeu; pretende alem d'isso que és mau christão e mau cidadão, porque fazendo os judeus christãos, fazes subir o preço da carne do porco.

LOURENÇO

Muito mais facil me será a mim justificar-me perante os meus concidadãos, do que a ti, Lanceloto, justificares-te das consequencias de uns teus negros amores que eu conheço perfeitamente.

LANCELOTO

É possivel que seja mais do que eu pensava; mas será o que Deus quizer, o que está feito está feito; é menos do que era para desejar e mais do que eu queria.

LOURENÇO

É admiravel como qualquer imbecil sabe brincar com as palavras! A maior prova de juizo d'ora em diante será calar-se; deixar-se-hão fallar os papagaios. Vae-te d'aqui; dize aos creados, que estejam promptos para o jantar.

LANCELOTO

Já o estão, meu senhor, todos têm estomago.

LOURENÇO

Tens resposta prompta para tudo. Vamos, dá soltas ao teu espirito; faze por comprehender a união das palavras com nexos;

vae ter com os teus camaradas, e dize-lhes, que ponham a mesa e sirvam as iguarias, pois nós já vamos jantar.

LANCELOTO

Quanto á mesa, senhor, vae-se pôr; quanto ás iguarias vão ser servidas; quanto a saber se vem jantar, isso é assumpto que deixo ao senhor resolver como muito bem entender. (Sáe.)

LOURENÇO

Oh! admiravel agudeza! como o arranjo das palavras é habilmente feito! o imbecil coordenou na sua memoria uma collecção de ditos espirituosos. Conheço tantos imbecis de elevada posição, que estão recheados de igual sortimento, e que enfadam sem tom nem som o mundo com os seus gracejos. Como estás tu, Jessica? Dize-me, querida, a tua opinião: como achas a mulher de Bassanio?

JESSICA

Superior a todo o conceito. O senhor Bassanio deve em consciencia viver vida exemplar, porque, tendo a felicidade de possuir uma tal esposa, encontra na terra a felicidade do céu; e se não a apreciar como deve, não merece entrar no paraizo. Com certeza, que se dois deuses fizessem entre si uma celeste aposta, e tomassem por assumpto duas mulheres terrestres, uma das quaes fosse Porcia, seria necessario acrescentar á outra alguma perfeição, porque n'este mundo mesquinho não ha outra igual.

LOURENÇO

Como marido, sou igual a ella como esposa.

JESSICA

Porque não me perguntas tu tambem a minha opinião a esse respeito?

LOURENÇO

É o que depois farei; antes de tudo vamos jantar.

JESSICA

Não; deixa-me elogiar-te enquanto sinto gosto n'isso.

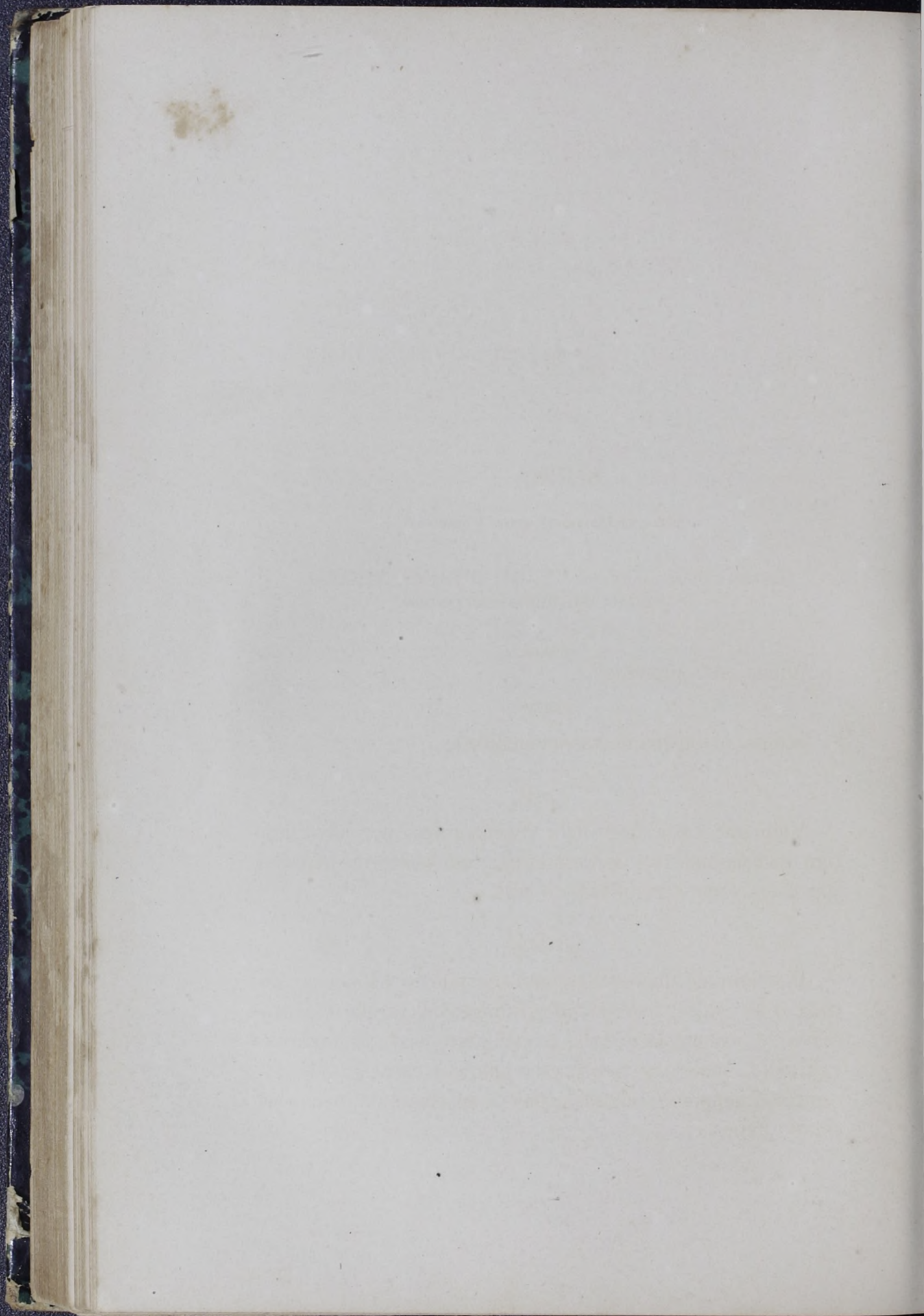
LOURENÇO

Nada, guarda isso antes para assumpto de conversação á mesa, porque então qualquer cousa que digas digeril-a-hei com o resto.

JESSICA

Muito bem, encarrego-me de fazer o teu panegyrico. (Sãem.)

Fim do terceiro acto



ACTO IV

SCENA I

Um tribunal em Veneza

Entram o DOGE, senadores, ANTONIO, BASSANIO, GRACIANO,
SALARINO, SALANIO e mais pessoas

O DOGE
Antonio está presente?

ANTONIO
Sempre ás ordens de vossa serenidade.

O DOGE
Muito me custa dizer-lh'o: o senhor tem por adversario
um homem inflexivel e deshumano, um miseravel avesso á
piedade, e cuja sensibilidade é nulla.

ANTONIO
Disseram-me que vossa serenidade tudo ha feito, para do-
mar o seu rigor; mas, já que é impossivel, e elle é inexo-
ravel, e nenhum meio legal me póde arrancar das garras do
seu odio, opporei ao seu furor a minha paciencia; estou re-
solvido a supportar resignado toda a sua tyrannia, todo o seu
odio e rancor.

O DOGE

Vão buscar o judeu; compareça perante o tribunal.

SALANIO

Já esperava á porta, eil-o.

SHYLOCK entra

O DOGE

Afastem-se, para que o veja cara a cara. Shylock! todos pensam, e eu tambem, que queres levar esta obra do teu odio até aos limites extremos, e que depois lhe succederão sentimentos de clemencia e de piedade, não menos estranhos em ti, do que o é a tua crueldade apparente. Todos julgam que, em vez de exigir, como agora o fazes, o exacto cumprimento da obrigação, isto é, uma libra da carne do mercador; não só lhe perdoarás, mas até lhe entregarás metade da quantia em divida, cedendo a um rasgo de indulgencia e de humanidade, e olhando compassivamente para os revezes que ultimamente elle tem soffrido, que arruinariam o mais opulento negociante e que seriam capazes de enternecer almas de bronze, corações de marmore, turcos deshumanos e os proprios selvagens, em seu favor. Shylock, espero de ti uma resposta favoravel.

SHYLOCK

Já participei a vossa serenidade a minha resolução, e jurei pelo nosso santo sabbado de exigir a execução litteral do documento que possuo; se m'o recusar, paguem-no as suas instituições e privilegios. Perguntar-me-ha, senhor, porque prefiro uma libra de carna infecta a uma somma de 3:000 ducados; e eu não responderei a tal pergunta, faça de conta que é um meu capricho; tanto lhe baste saber. Talvez que, tendo em minha casa algum rato importuno, tivesse gosto de me livrar d'elle mediante 3:000 ducados? Quer vossa serenidade ainda mais rasões? Ha pessoas a quem incommoda ver um

porco de bôca aberta; outras que a vista de um gato atemorisa; outras que não podem resistir a certos sons; porque a nossa sensibilidade, senhora absoluta das nossas affeições, as subjugua ou pela sympathia ou pela repugnancia. Agora, senhor, se ainda quer mais outra resposta, eil-a: Assim como não ha rasão que explique a repugnancia de uns ao porco, a de outros a um inoffensivo gato, ou a certos sons, e cedem a uma força invencivel, ao verem o objecto que lhes desagrada, embora seja ridiculo; assim tambem não posso nem quero dar outra rasão do meu encarniçado empenho em perseguir Antonio, gaste o que gastar, é um odio inveterado, e não sei que especie de aversão a que lhe tenho. Está satisfeito?

BASSANIO

Homem sem entranhas, não é essa uma resposta, que desculpe a tua crueldade.

SHYLOCK

Não pretendo que as minhas respostas te agradem.

BASSANIO

Deverá por ventura um homem matar outro, só porque lhe não agrada?

SHYLOCK

Haverá homem que não deseje ver morto aquelle que odeia?

BASSANIO

O odio não é consequencia da offensa.

SHYLOCK

Quereria por acaso que uma serpente o mordesse duas vezes?

ANTONIO

Veja que é com um judeu que está raciocinando: mais facil seria estar de pé na praia, e ordenar ao mar que não subisse á sua altura costumada; mais facil seria evitar que o

lobo roubasse o cordeiro á ovelha; mais facil seria prohibir aos pinheiros da montanha, que se inclinassem com o vento, e tolher o mugido á floresta açoutada pelo tufão; mais facil seria a mais arriscada empreza, do que conseguir dobrar o que ha mais duro no mundo, o coração d'esse judeu. Cesse pois o seu empenho, peço-lh'o, nada mais tente; o que só agora supplico é que me condemnem o mais rapido que podérem, e que seja feita a vontade do judeu.

BASSANIO

Offereço-lhe em vez de 3, 6:000 ducados.

SHYLOCK

Aindaque cada um d'esses 6:000 ducados estivesse dividido em seis partes, e cada parte fosse um ducado, não os queria; quero que se cumpra o que está escripto.

O DOGE

Que misericordia espera pois, se nenhuma tem?

SHYLOCK

Só receia a sentença, quem mal usou: possue Veneza um grande numero de escravos comprados, emprega-os nos trabalhos abjectos e servis, como se fossem burros, cães ou machos: porque? porque os comprou! Se eu lhes dissesse? dêem-lhe a liberdade, casem-os com seus filhos ou filhas. Porque vergam elles debaixo de taes cargas? porque não lhes dão fofos leitos e saborosos manjares? de certo os seus senhores me responderiam: *São nossos escravos!* Pois o mesmo lhe respondo eu: A libra de carne d'este homem que reclamo paguei-a por avultado preço; quero-a! Se m'a recusar, as suas leis não merecem senão desprezo, os decretos de Veneza são illusorios! peço portanto o seu veredictum, falle; têt-o-hei?

O DOGE

Tomarei a responsabilidade de adiar a causa; a menos que

não chegue hoje um habil doutor em leis, chamado Bellario, que mandei convidar para tomar parte n'este processo.

SALARINO

Senhor, está á porta um mensageiro de Padua, que traz cartas do doutor.

O DOGE

Tragam as cartas, entre o mensageiro.

BASSANIO

Valor, Antonio! Meu amigo, ainda não está tudo perdido. O judeu terá o meu sangue, a minha carne, os meus ossos, tudo enfim; mas não correrá uma só gota do teu sangue.

ANTONIO

Sou uma ovelha ronhosa; a saude do rebanho exige a minha morte; os fructos mais fracos são os que primeiro cáem, assim serei eu. Bassanio, o melhor que podes fazer é viver, e depois escrever o meu epitaphio.

Entra NERISSA disfarçada em escrivão

O DOGE

Vem de Padua, da parte de Bellario?

NERISSA

Sim, meu senhor; Bellario saúda a vossa serenidade.

BASSANIO (a SHYLOCK, que afia a faca na sola do sapato)

Porque afias tu a tua faca com tanta pressa?

SHYLOCK

Para cortar uma libra de carne áquelle bancarroteiro!

GRACIANO

Não é n'essa sola, mas na pedra da tua alma, que afias

o gume da tua faca, judeu sem piedade. Não ha metal, nem mesmo o cutello do algoz, que tenha o corte da tua alma perversa. Não haverá supplicas que te movam?

SHYLOCK

Nenhumas, e ainda menos as tuas.

BASSANIO

Excommungado sejas, bruto implacavel; a tua vida seja uma constante accusação e um opprobrio á justiça. Eras capaz de me fazer vacillar na minha fé christã, e de me fazer crer como Pythagoras que as almas dos animaes vem alojar-se nos corpos humanos. A tua animava outr'ora um lobo, que foi enforcado por ter morto um homem, e a sua alma impura, voando do cadafalso, veiu abrigar-se no teu corpo ainda no ventre de tua immunda mãe; porque os teus appetites são os de um lobo faminto, sanguinario e carniceiro.

SHYLOCK

Todos esses motejos não apagarão a sua firma; cansas inutilmente os pulmões. Trata de reparar, meu rapaz, as avarias do teu espirito, se não queres cair n'um incuravel desarranjo mental. Tenho a lei a meu favor!

O DOGE

Bellario, na sua carta, recommenda ao tribunal o joven e douto juiz. Onde está elle?

NERISSA

Espera aqui perto, que a sua resposta, meu senhor, o autorise a entrar.

O DOGE

Ainda bem, tres ou quatro de entre vós vão ao seu encontro, e o introduzam no tribunal com todas as formalidades da cortezia. No emtanto vou dar-vos conhecimento do conteúdo da carta de Bellario.

O ESCRIVÃO (Lendo)

Vossa serenidade de certo sabe, que a sua carta me encontrou doente, mas quando chegava o seu mensageiro, recebia eu a affectuosa visita de um joven doutor romano, chamado Balthazar. Communiquei-lhe o processo pendente entre o judeu e o mercador Antonio. Folheámos, juntos, grande numero de livros; por elle conhecerá a minha opinião, corroborada pelo seu saber, que é muito, em verdade; elle, a meu pedido, acceitou substituir-me junto de vossa serenidade. Peço-lh'o encarecidamente, meu senhor, que os annos que lhe faltam não ponham obstaculo á estima a que o seu merito lhe dá direito, porque nunca vi cabeça mais idosa em corpo mais novo. Acolha-o graciosamente, senhor, certo de que as suas obras, mais do que as minhas palavras, o recommendam.

O DOGE

Acabam de ouvir o que me escreve o digno Bellario; se não me engano, eis o doutor Balthazar que chega (PORCIA entra vestida de doutor.) Dê-me a sua mão. Vem da parte de Bellario, não é verdade?

PORCIA

Sim, meu senhor.

O DOGE

Bemvindo seja! Vá occupar o seu logar. Conhece o processo, de que está occupado este tribunal?

PORCIA

Conheço perfeitamente o processo; qual é o mercador, qual é o judeu?

O DOGE

Approximem-se, Antonio e Shylock?

PORCIA

O seu nome é Shylock?

SHYLOCK

Shylock é o meu nome.

PORCIA

O processo que intentou é de estranha natureza, mas é legal, e as leis de Veneza não podem impedir o seu curso. (a ANTONIO) É o senhor, não é verdade, que verga sob o peso de sua má vontade?

ANTONIO

Elle assim o pretende.

PORCIA

Reconhece esta declaração?

ANTONIO

Reconheço.

PORCIA

Então cumpre que o judeu seja indulgente.

SHYLOCK

E quem me ha de obrigar, diga-m'o, se faz favor?

PORCIA

O que é proprio da clemencia é ser voluntaria: desce do céu á terra como uma chuva benéfica; é duplamente abençoada; abençoá o que d'ella usa e o que a recebe; nos mais poderosos é que sobre tudo brilha o seu poder. Melhor fica do que o diadema ao monarcha no throno. O seu sceptro indica a força do poder temporal, emblema da veneração e do respeito; por elle impõem os reis o respeito e o terror; mas a clemencia é superior ao poder do sceptro; tem a sua séde no coração dos reis; é um attributo de Deus, e nunca o poder temporal se assemelha mais ao divino, do que quando a clemencia tempera a justiça. Assim pois, judeu, aindaque a sua pretensão tem o apoio da lei, pense que nenhum de nós, no rigor da justiça, podia aspirar á salvação eterna. Pedimos a Deus que nos perdoe; essa mesma supplica impõe-nos a misericordia. Fallando-lhe por esta fórma, quero-lhe unicamente fazer comprehender, quanto é cruel a sua exigencia. Se

comtudo persistir n'ella, o julgamento d'este tribunal, fundado na lei, deve condemnar o mercador.

SHYLOCK

Sobre mim recáiam as minhas acções. Invoco a lei, e peço a execução da clausula da declaração.

PORCIA

Não póde elle pagar a quantia devida?

BASSANIO

Não ha duvida alguma no pagamento, promptifico-me a pagal-a na presença do tribunal, offereço mesmo o dobro. Se não bastar, comprometto-me aqui formalmente a entregar dez vezes o valor da divida; empenho as minhas mãos, a minha cabeça e o meu coração. Se nada servir, é porque a perversidade prevaleceu á lealdade. Peço-lhes, senhores, façam dobrar a lei sob a sua auctoridade. Para praticar uma grande e boa acção, arrisquem-se a um pequeno mal, e corrija-se a malicia d'este demonio.

PORCIA

Não póde nem deve ser; não ha em Veneza poder que possa modificar uma lei estabelecida. Seria crear um precedente, e mais de um abuso, com esse exemplo, se introduziria no estado. Não deve ser.

SHYLOCK

Temos como juiz um novo Daniel, um Daniel, venero o joven e erudito juiz.

PORCIA

Permitte-me que examine a declaração?

SHYLOCK

Eil-a, meu senhor, eil-a.

PORCIA

Shylock, offerecem-lhe o triplo da quantia.

SHYLOCK

Um juramento, um juramento, fiz ao céu um juramento, e não quero o remorso de ter perjurado: isso nunca!

PORCIA

O praso já findou, e em virtude d'este titulo, o judeu tem legalmente direito a uma libra de carne do mercador, tirada e cortada junto do coração. Vamos, Shylock, tenha piedade, accete o triplo da sua divida, e rasgue-se a declaração.

[SHYLOCK

Quando se tiver cumprido o estipulado, pôde rasgal-a. Vejo que é um digno juiz, e que conhece a lei; a sua exposição é racional. Em nome d'essa lei, de que é uma das mais solidas columnas, intimo-o a que proceda ao julgamento. Juro pela minha alma, que não ha poder no mundo que me demova da minha resolução; quero o exacto cumprimento do contrato.

ANTONIO

Supplico ao tribunal, que pronuncie a sentença.

PORCIA

Pois bem, ouçam, apresente o peito ao judeu.

SHYLOCK

Oh! nobre juiz, oh! benemerito varão!

PORCIA

Porque a lei reconhece de um modo claro e positivo os direitos que lhe conferem os termos da declaração.

SHYLOCK

É verdade, rectissimo juiz! Como o seu juizo contrasta com a sua idade!

PORCIA (a Antonio)

Descubra o peito.

SHYLOCK

Sim o seu peito; é o que diz a obrigação; não é verdade, nobre juiz? Junto do coração, são as palavras textuaes.

PORCIA

Assim é! Ha balanças para pesar a carne?

SHYLOCK

Trouxe-as commigo.

PORCIA

Tambem é forçoso que tenha um cirurgião para que Antonio não morra pela perda de sangue.

SHYLOCK

Isso estará estipulado na declaração?

PORCIA

Não o está, mas não importa; é alvitre de humanidade.

SHYLOCK

Não acho, não está escripto.

PORCIA

Approxime-se; mercador, tem mais alguma cousa a dizer?

ANTONIO

Pouco, estou preparado e resignado. Dê-me a sua mão, Bassanio, e receba o meu adeus! Não se afflija, por me ver por sua causa reduzido a este extremo, porque n'este caso a fortuna mostra-se mais indulgente do que costuma ser quando deixa o infeliz sobreviver á sua opulencia, para viver uma vida de privações e miseria. Recommende a minha memoria á sua boa esposa, conte-lhe como Antonio se finou; diga-lhe o quanto eu era seu amigo; diga-lhe como eu soube morrer; e quando tiver terminado a sua narração, pergunte-lhe se eu não era

seu verdadeiro amigo. Não se julgue a culpa da minha morte; não lhe peze saldar a sua dívida, porque se a faca do judeu penetrar mais, o meu coração pagal-a-ha toda.

BASSANIO

Antonio, liguei a minha vida á de uma mulher que idolatro, mas nem a minha vida, nem a minha mulher, nem o mundo inteiro, valem para mim a tua vida; consinto em tudo perder, em tudo sacrificar, para te salvar d'esse demonio.

PORCIA

Se sua mulher o ouvisse, pouco lisonjeada ficaria com o seu offerecimento.

GRACIANO

Adoro minha mulher, juro-o; mas desejava-a no céu, para por sua intercessão dobrar o coração d'esse judeu deshumano.

NERISSA

Felizmente que diz isso na sua ausencia, aliás o seu desejo poder-lhe-ía acarretar dissabores domesticos.

SHYLOCK (Á parte)

Eil-os, os esposos christãos! Tenho uma filha, e prouvera a Deus que um descendente de Barrabás a tivesse desposado em vez de um christão. (Alto.) Não percamos tempo, queira pronunciar a sentença.

PORCIA

Tem direito a uma libra de carne d'este mercador: o tribunal lh'a concede, a lei lh'a dá.

SHYLOCK

Oh! rectissimo juiz!

PORCIA

Do seu peito deverá cortar essa carne, a lei permite-o, e o tribunal ordena-o.

SHYLOCK

Doutissimo juiz! admiravel sentença! Vamos, prepare-se.

PORCIA

Não é tudo ainda, detenha-se. A obrigação não lhe concede a menor particula de sangue; as palavras textuaes são — *Uma libra de carne*.— Tire o que lhe pertence, essa libra de carne; mas se, cortando-a, correr uma só gota de sangue christão, em virtude das leis de Veneza, as suas terras e bens serão confiscados em proveito do estado.

GRACIANO

Oh! rectissimo juiz! Que dizes tu agora, judeu? oh! doutissimo juiz!

SHYLOCK

Pois a lei diz isso?

PORCIA

Vae-lhe ser presente. Já que pede justiça, toda lhe será feita, talvez mesmo mais que a que deseja.

GRACIANO

Oh! meritissimo juiz! e agora judeu? admiravel juiz!

SHYLOCK

N'esse caso acceito o offerecimento que me foi feito. Pague-me o triplo da quantia, e ponham o christão em liberdade.

BASSANIO

Aqui tens o dinheiro!

PORCIA

Devagar, o judeu ha de ter justiça completa; devagar, não nos precipitemos; ha de só receber o que lhe é devido.

BASSANIO

Então, judeu, não te parece, que é um juiz probo e illustrado?

PORCIA

Prepare-se pois, Shylock, para cortar a carne; mas que não corra uma gota de sangue; corte exactamente uma libra de carne, nem mais, nem menos; se cortar mais ou menos de uma libra, aindaque as balanças accussem só a differença da vigesima parte de um atomo, ou o peso de um cabello, a sua cabeça responderá pelo erro, e os seus bens serão confiscados.

GRACIANO

Oh! segundo Daniel! é um verdadeiro Daniel; agora, judeu, estás servido.

PORCIA

O que espera? comece a obra.

SHYLOCK

Dêem-me o capital e os juros, e eu retiro-me.

BASSANIO

Tome, eil-os.

PORCIA

Rejeitou-os em pleno tribunal, e por isso não pôde receber senão o que lhe pertence em estricta justiça.

GRACIANO

É um Daniel, repito-o, um segundo Daniel! obrigado, judeu, pela idéa.

SHYLOCK

Pois nem mesmo os meus juros?

PORCIA

Só o que lhe é devido, mas faça o que lhe aprouver.

SHYLOCK

Nada quero! guarde tudo, e o demonio o carregue! Não estou para estar aqui a perder o meu tempo.

PORCIA

Detenha-se, judeu, ouça ainda o que diz a lei. — *É formalmente ordenado pelas leis de Veneza, que quando se provar, que um estrangeiro, por meios directos ou indirectos, conspirou contra a vida de um cidadão, a pessoa contra a qual o crime era dirigido tenha direito a metade dos bens do culpado, a outra metade dará entrada nos cofres de estado; a sua vida ficará á completa mercê do doge, unicamente, com exclusão de todos os outros poderes.* — Declaro-o no caso previsto pela lei, porque pelo processo transparece manifestamente, que por meios indirectos e até directos conspirou contra a vida de Antonio; está pois incurso na pena acima mencionada. De joelhos e implore a clemencia do doge.

GRACIANO

Pede-lhe licença para te enforcares. Mas como, confiscados todos os teus bens, já nem te resta com que comprar uma corda, serás enforcado por conta da republica.

O DOGE

Para que vejas quanto somos differentes, concedo-te a vida antes mesmo de tu m'a pedires; metade da tua fortuna pertence a Antonio, a outra metade ao estado: essa parte, se te mostrares arrependido, pôde ser commutada em uma multa.

PORCIA

No que respeita unicamente á parte do estado, não á de Antonio.

SHYLOCK

Roubem-me a vida, com o resto, não a poupem: tiram-me a minha casa, quando lhe subtraem o esteio que a sustinha; roubam-me a vida, quando me levam o que a sustentava.

PORCIA

O que obterá elle da sua piedade, Antonio?

GRACIANO

Uma corda: em nome do céu, não lhe dê mais nada.

ANTONIO

Supplico ao doge, meu senhor, ao tribunal de lhe deixarem metade dos seus bens, basta-me o usufructo da outra metade; mas com a condição de, por sua morte, a entregar ao homem que raptou a sua filha. Ponho, comtudo, mais duas condições; uma que em troco d'esta indulgencia se faça christão; outra, que por uma doação feita na presença do tribunal disporá de todos os bens que possuir quando morrer a favor de Lourenço e de sua filha Jessica.

O DOGE

Fal-o-ha, senão retiro o perdão que acabo de conceder-lhe.

PORCIA

Diga se consente? responda.

SHYLOCK

Consinto.

PORCIA (Ao escrivão)

Redija o acto de doação.

SHYLOCK

Peço licença para me retirar, sinto-me tão incommodado! Mande-me a doação a casa, eu a assignarei.

O DOGE

Póde-se retirar, mas não se esqueça de assignar.

GRACIANO

Para o teu baptisado has de ter dois padrinhos; fosse eu juiz, que havias de ter mais dez, para te levarem á forca. (SHYLOCK retira-se.)

O DOGE (a PORCIA)

Senhor, convido-o a jantar commigo.

PORCIA

Supplico humildemente vossa serenidade que me dispense; devo voltar ainda esta tarde para Padua, e tenho que partir immediatamente.

O DOGE

Peza-me que tenha tanta pressa. Antonio, agradeça ao doutor; deve-lhe, na minha opinião, grandes favores. (O doge sáe com os senadores e sequito.)

BASSANIO

Digno senhor, o meu amigo e eu devemos hoje á sua proficiencia ver-nos subtrahidos aos maiores perigos. Pedimos-lhe se sirva acceitar, como recompensa da sua tão valiosa intervenção, os tres mil ducados, que eram a divida do judeu.

ANTONIO

Sem contar a divida em que ficámos. Disponha sempre da nossa amisade e dos nossos serviços.

PORCIA

A satisfação de uma boa acção é a nossa melhor paga; lisonjeio-me de os ter salvo, basta-me essa retribuição: nunca tive alma mercenaria. Não me esqueçam, se alguma vez de mim precisarem: faço votos pela sua felicidade, e despeço-me dos senhores.

BASSANIO

Senhor, não posso deixar de ser importuno, pedindo-lhe que receba ao menos uma lembrança nossa, não como salario, mas como penhor de reconhecimento. Peço ainda dois favores, não me diga que não, e perdoe a minha insistencia.

PORCIA

Pede com tal empenho, que forçoso é ceder. (A ANTONIO)

Dê-me as suas luvas, usal-as-hei como uma recordação sua.
(A BASSANIO) Como penhor de amizade acceitarei esse seu anel.
Não retire a mão; nada mais quero, não me negue essa prova
de amizade.

BASSANIO

Este anel, senhor, é uma miseria, e eu, envergonhar-me-ia
de lh'o offerecer.

PORCIA

Seria o unico objecto que eu acceitaria; agora confesso-lhe
que tenho o maior empenho de o possuir.

BASSANIO

Este anel para mim não tem preço. Dou-lhe o anel de
maior valor que houver em Veneza; empregarei todos os meios
ao meu alcance para o obter, mas emquanto a este, não posso
desfazer-me d'elle.

PORCIA

Vejo que é generoso só em palavras. O senhor é que me
ensinou a pedir, agora agradeço-lhe o ter-me ensinado tam-
bem como se responde a pedidos importunos.

BASSANIO

Este anel deu-m'o minha mulher, pondo-m'o no dedo, e
fez-me jurar que nunca o venderia, daria ou perderia.

PORCIA

Eis uma desculpa, que serve perfeitamente para evitar um
presente. A menos que sua mulher não esteja louca, nunca
levará a mal que me dê esse anel, sabendo quanto eu o me-
reci. Muito bem. Guarde-o Deus. (PORCIA e NERISSA saem.)

ANTONIO

Senhor Bassanio, dê-lhe o anel; os seus serviços e a
minha amizade parece-me que valem tanto como uma ordem
de sua mulher.

BASSANIO

Corra, Graciano, veja se ainda o encontra; entregue-lhe este anel e faça com que venha a casa de Antonio. Vá, avie-se. (GRACIANO sáe.) Agora vamos para sua casa; amanhã de manhã cedo partiremos para Belmonte. Venha, Antonio. (Sáem.)

SCENA II

Uma rua de Veneza

Chegam PORCIA e NERISSA

PORCIA

Informa-te onde é a casa do judeu, entrega-lhe esta doação e volta com ella assignada, partiremos esta tarde; quero que cheguemos um dia mais cedo do que os nossos maridos. Que gosto que Lourenço terá em vendo a doação! (Chega GRACIANO.)

GRACIANO

Prezado doutor, folgo muitissimo de o ter podido ainda alcançar. O senhor Bassanio, depois de ter reflectido, mandalhe este anel; e pede-lhe a honra de vir jantar com elle.

PORCIA

Emquanto ao jantar é impossivel: quanto ao anel accetto-o, reconhecido; apresente-lhe os meus respeitos e agradecimentos; peço-lhe que indique ao meu escrivão a casa de Shylock.

GRACIANO

Com todo o gosto.

NERISSA

Queria dar-lhe duas palavras, meu senhor? (Baixo a PORCIA.) Vou tentar obter de meu marido o anel que lhe fiz jurar que sempre conservaria.

PORCIA

Has de obtel-o, acredita-me. Elles hão de nos jurar que foi a homens que os deram; nós sustentaremos o contrario; opporemos juramentos a juramentos. Agora avia-te; já sabes onde me has de encontrar.

NERISSA

Venha, senhor, mostre-me a casa de Shylock (GRACIANO e NERISSA saem por um lado e PORCIA pelo outro.)

Fim do quarto acto

ACTO V

SCENA I

**Uma rua no jardim do castello de Belmonte
Ao luar**

LOURENÇO e JESSICA

LOURENÇO

Que bello luar! N'uma noite igual, quando a brisa fagueira acariciava a folhagem silenciosa, foi que Troilo, subindo, ás muralhas de Troia, soltou amargurados suspiros, dirigidos ás tendas onde repousava Cressida.

JESSICA

N'uma noite igual foi que Thisbe, pousando apenas o pé na orvalhada relva, viu a sombra de um leão antes de o avistar e fugiu aterrada.

LOURENÇO

Foi n'uma noite igual que Dido, empunhando um ramo de salgueiro, em pé na praia que limitava o vasto mar, chamava a Carthago, com a voz e com o gesto, o seu amado.

JESSICA

Em noite igual, colheu Medéa as plantas mysteriosas que rejuvenesceram o idoso Eson.

LOURENÇO

Em noite igual fugiu Jessica da casa paterna, para seguir o seu louco amante de Veneza a Belmonte.

JESSICA

Em noite igual jurou Lourenço de a amar sempre, e seduziu a sua alma com mil juramentos de constancia, dos quaes nem um só era sincero.

LOURENÇO

Em noite igual a encantadora e maliciosa Jessica calumniava o seu Lourenço, que de todo o coração lhe perdoava.

JESSICA

Ainda muito tempo poderia continuar na replica, se não se approximasse alguém: mas silencio! ouço passos de homem.

Chega STEPHANO

LOURENÇO

Quem se aproxima, caminhando tão rapidamente, protegido pela silenciosa noite.

STEPHANO

Um amigo.

LOURENÇO

Um amigo? que amigo? o seu nome, se faz favor?

STEPHANO

Chamo-me Stephano, e venho-lhe annunciar que a senhora aqui volverá antes do amanhecer: percorre as vizinhanças, ajoelhando aos pés das cruces que encontra, pedindo ao céu que abençoe o seu casamento.

LOURENÇO

Quem a acompanha?

STEPHANO

Unicamente a sua aia e um santo ermitão. Queira-me dizer se meu amo já chegou.

LOURENÇO

Ainda não, nem temos noticias d'elle. Voltemos a casa, Jessica, e vamo-nos preparar para receber dignamente a senhora do castello.

Chega LANCELOTO

LANCELOTO

Olá, olá, vem alguém?

LOURENÇO

Quem está a chamar?

LANCELOTO

Diga-me se viu o senhor e a senhora Lourenço? (Chamando)
Oh senhor Lourenço.

LOURENÇO

Cala-te, aqui estão!

LANCELOTO

Oh! senhor Lourenço, onde está?

LOURENÇO

Aqui, homem de Deus!

LANCELOTO

Diga-lhe que chegou um correio da parte de seu amo, e que é portador das melhores novas: nosso amo estará aqui ao despontar da aurora. (Sác.)

LOURENÇO

Querida da minha alma! vamos para casa, esperar o seu regresso. Mas para que? porque em casa? Amigo Stephano, vá ao castello annunciar, que sua ama está a chegar, traga depois comsigo os musicos; esperal-a-hemos a céu descoberto.
(Stephano retira-se.)

LOURENÇO

Como a claridade da lua illumina poeticamente a paizagem! Sentemo-nos aqui, embalando o nosso espirito com os sons da musica. Quanto convem á harmonia a mysteriosa noite! Senta-te, Jessica, vê como a abobada celeste está marchetada de milhares de estrellas! Entre todos os globos que vês, não ha um só que no seu curso não una a sua celeste harmonia aos coros dos cherubins com o seu olhar vivaz. Uma melodia semelhante resoa na alma immortal; mas as vestes da crapula e da corrupção que nos cobrem, impedem-nos de ouvil-a. (Chegam os musicos.) Venham, e acordem Diana com as suas harmonias; as suas suaves melodias cheguem aos ouvidos de sua ama, e o encanto da musica a attráia a sua casa.

JESSICA

Uma musica melodiosa faz-me tristeza.

LOURENÇO

Isso é devido á tua attenção, e á applicação dos teus sentidos. Olha para uma manada de poldros serris, que ainda não foram enfreados, vel-os-has cedendo ao ardor do seu sangue, retouçar rinchando nos prados; ouçam elles o som de um clarim ou alguma harmonia trazida pela briza; seguir-se-ha logo a tranquillidade á ardencia que brilhava em seus olhos. Por isso os poetas fingiram Orpheu attrahindo as arvores, as rochas e as ondas; porque não ha ser, por estúpido, insensivel ou feroz que seja, a quem a musica não mude momentaneamente a sua natureza individual. O homem, que não tem o sentimento musical, e que a harmonia não commove, é traidor, falsario e ladrão; os movimentos da sua alma são escuros como a morte, e as suas affeições negras como Érebo: de homens assim é desconfiar sempre! Ouçâmos a musica.

(PORCIA e NERISSA apparecem distantes)

PORCIA

É da sala do castello, que vem a luz que vemos; como projecta distante a sua claridade! Assim brilha uma boa acção no mundo perverso.

NERISSA

Não a viamos, emquanto havia luar.

PORCIA

Assim uma gloria é obscurecida por outra maior. O brilho regio acompanha o mensageiro, até que apparece o rei; então some-se toda a sua dignidade, como um minguado regato nas aguas do oceano! Ouço musica, escutemos.

NERISSA

É a musica do castello, minha senhora!

PORCIA

Vejo que todas as cousas têm um valor relativo; estas melodias são-me agora mais agradaveis do que de dia.

NERISSA

O silencio é que lhe realça o encanto.

PORCIA

Tão harmoniosamente canta o corvo, como a cotovia, para quem não escuta nem um nem outro; creio que se o rouxinol cantasse de dia em vez de entoar de noite os seus amorosos gorgeios, não occuparia logar mais elevado, na classe dos passarinhos, que a carriça. A quantas cousas a occasião é que dá o valor e a perfeição! Silencio! Diana dorme com Endymion e não quer ser acordada. (Para a musica.)

LOURENÇO

Ou muito me engano, ou é a voz de Porcia!

PORCIA

Reconheceu-me como o cego reconhece o cuco pelo seu canto monotono.

LOURENÇO

Bemvinda seja, minha senhora, no regresso ao seu castello.

PORCIA

Orámos por nossos maridos, e esperámos que o céu ouvisse e attendesse ás nossas supplicas. Elles já voltaram?

LOURENÇO

Ainda não, minha senhora, mas chegou um correio, que annunciou a sua proxima chegada.

PORCIA

Vae ao castello, e recommenda aos creados, que nada digam da nossa ausencia; nada digam tão pouco o sr. Lourenço e Jessica.

Chegam BASSANIO, ANTONIO, GRACIANO e sequito

BASSANIO

Teriamos o dia como os nossos antipodas, se na ausencia do sol, tivessemos a dita de as ver.

PORCIA

A minha luz não brilha demasiado; mulher brilhante torna mau o marido, e possa Bassanio nunca sê-lo para mim. O que Deus fizer será sempre o melhor. Bemvindo seja, meu senhor.

BASSANIO

Agradeço-lhe, minha senhora; apresento-lhe o meu amigo, acolha-o com agrado, é Antonio, a quem tudo devo.

PORCIA

Grandes obrigações por certo lhe deve, porque bem graves tinha elle contrahido por sua causa.

ANTONIO

Considero-me amplamente pago. (GRACIANO e NERISSA conversam em distancia.)

PORCIA

Senhor, bemvindo seja a este castello, mas como o quero experimentar sem ser só por palavras, ponhamos de parte a polidez verbal.

GRACIANO

Por esta lua que nos alumia te juro, Nerissa, que é injusta a tua accusação: dou-te a minha palavra de honra que o dei ao escrivão do juiz; mas queria que o demonio carregasse a quem o dei, já que isso tanto te magôa.

PORCIA

Já a disputarem? de que se trata?

GRACIANO

De um annel de oiro, sem valor, que ella me deu, e cuja divisa, verdadeira divisa de cutileiro, dizia assim: *Ame-me, e não se separe de mim.*

NERISSA

A que vem ao caso a divisa, ou o valor do objecto? Quando t'ó dei, juraste-me que, emquanto vivesses, nunca te separarias d'elle, e que o levarias contigo á sepultura; senão já por meu respeito, ao menos pelo respeito aos teus sollemnes juramentos, devias conserval-o. Déste-o, segundo dizes, ao escrivão do juiz! Estou certa que esse escrivão tem a carinha tão lisa como a minha.

GRACIANO

Mas terá barba, quando chegar á virilidade.

NERISSA

Só se for possível uma mulher vir a ser homem.

GRACIANO

Juro-te que o dei a um homem, ainda novo, é verdade, da tua estatura, e que era o escrivão do juiz. Pediu-m'ó como paga do serviço, e eu não tive animo de lh'ó recusar.

PORCIA

Para lhe fallar francamente, fez mal em desfazer-se com tanta facilidade do primeiro presente que recebera de sua mulher: de um anel que ella lhe poz no dedo, acreditando nos seus juramentos, e que a fidelidade conjugal devia ter soldado á sua carne. Dei um anel a meu esposo, e fiz-lhe jurar que nunca se separaria d'elle. Eis o meu marido, e estou certa que em caso algum consentiria em desfazer-se d'elle, e que nem por todos os thesouros do mundo o tiraria do seu dedo. Na verdade, Graciano dá a sua mulher motivo de queixa bem justificado; se outro tanto me acontecesse, enlouquecia por certo.

BASSANIO (á parte)

Com os demonios! O melhor que eu podia fazer era decepar o pulso, e jurar que só o perdêra depois de uma defeza desesperada.

GRACIANO

O senhor Bassanio presenteceu o juiz com um anel, que este lhe pediu, e que bem mereceu; então o escrivão, pelo seu trabalho, pediu-me o meu. Ambos insistiram pelos anneis, porque outra cousa não queriam aceitar.

PORCIA

Que anel lhe deu? Espero que não fosse o que eu lhe havia dado?

BASSANIO

Se eu fosse capaz de juntar á culpa a mentira, negaria o facto; mas bem vê que já não tenho o anel no dedo.

PORCIA

Coração perfido e sem fé! Pelo céu lhe juro que unidos não viveremos, emquanto não lhe vir o meu anel.

NERISSA

Outro tanto lhe digo eu, esteja certo d'isso.

BASSANIO

Encantadora Porcia, se soubesse a quem dei o seu anel, por que motivo, e quanto me custou dal-o (*era o unico objecto que queriam acceitar*), por certo menos maguada se mostraria!

PORCIA

Se conhecesse o quanto vale esse anel, e a metade do valor da pessoa que lh'o deu, se tivesse comprehendido que a sua honra estava empenhada na sua posse, nunca se teria separado d'elle. Por pouco calor que tivesse posto na sua excusa, não havia homem tão pouco rasoavel e delicado que exigisse o sacrificio de um objecto que lhe devia ser sagrado. Por Nerissa sei toda a verdade; tenho a certeza de que foi a uma mulher que deu o anel.

BASSANIO

Não, minha senhora, juro pela minha honra e pela minha salvação, que não foi a uma mulher que o dei, mas a um doutor em leis, que recusou tres mil ducados, e que m'o pediu. Tinha-lh'o negado, até o deixára partir descontente, esse homem, a quem devia a salvação do meu melhor amigo. Mas, encantadora Porcia, a meu pezar, mandei alguém em sua procura, para lhe offerecer o anel; luctei com dois sentimentos, vergonha e cortezia: a minha honra não me permittiu manchar-me com a ingratição. Perdõe-me, querida Porcia, tomo

as estrellas por testemunhas; mas creio firmemente, que se lá estivesse, pedia-me o anel para o dar ao doutor.

PORCIA

O seu doutor nunca se approxime d'este castello; e já que obtive a joia que tão cara me era, e tinha jurado conservar por meu amor, não serei menos generosa; dar-lhe-hei todos os direitos sem exceptuar um só! Nada lhe recusarei: conserve-se Bassanio sempre a meu lado; porque lhe juro, que um momento que se ausente, o doutor tomará o seu lugar, em todo e qualquer sitio. Juro-lh'ó pela minha honra, que ainda me pertence.

NERISSA (a GRACIANO)

E eu com o escrivão a meu lado, tome cautela; previno-o a tempo, depois não se queixe.

GRACIANO

Muito bem; mas que eu o não veja, aliás nunca mais se servirá da sua penna.

ANTONIO

Sou a causa involuntaria d'estas disputas.

PORCIA

Não se afflija; quanto estimei conhecel-o.

BASSANIO

Perdõe-me, Porcia, esta falta involuntaria, e na presença dos meus amigos, juro por esses lindos olhos, que tanto dizem e em ambos os quaes me vejo...

PORCIA

Homem voluvel, que se vê em cada um dos meus olhos, jure pela sua duplicidade e então acredital-o-hei.

BASSANIO

Ouçá-me, por piedade, perdõe-me esta falta, e juro-lhe pela

salvação da minha alma guardar d'ora ávante todos os meus juramentos.

ANTONIO a PORCIA

Por elle já empenhei a minha vida, que, sem o auxilio do homem a quem foi dado o anel, seria perdida; hoje respondo e affianço, com o mais sagrado juramento, que seu esposo nunca violará scientemente a fé jurada.

PORCIA

Pois bem, acceito a fiança; dê-lhe esse anel, e recomende-lhe que o conserve melhor que o outro.

ANTONIO (pegando no anel e dando-o a BASSANIO)

Receba este anel, Bassanio, e jure conserval-o sempre.

BASSANIO

Santo Deus! é o que eu dei ao doutor.

PORCIA

D'elle o houve, perdõe-me, Bassanio; para o obter, fiz do doutor todo o meu ser.

NERISSA (a GRACIANO, dando-lhe o anel)

Perdõe-me tambem, querido Graciano, porque desde a noite passada ainda não me separei do escrivão.

GRACIANO

Com os demonios! Por esta não esperava eu; quem me diria?

PORCIA

Veja como falla. Estão todos attonitos. (A BASSANIO) Leia esta carta, é de Bellario, que está em Padua; por ella verá que Porcia era o doutor, e Nerissa o escrivão. Lourenço lhe dirá que parti logo em seguida, e que ha pouco cheguei, e que nem mesmo ainda entrei no castello. Bemvindo seja, senhor Anto-

nio, quero-lhe tambem dar boas novas, que está longe de esperar. Abra esta carta; tres dos seus navios, com valiosas cargas, acabam de chegar inesperadamente ao porto: quero porém que ignore por que estranho modo esta carta me veiu á mão.
(Dá-lhe uma carta.)

ANTONIO

Oh! grata surpresa!

BASSANIO (a PORCIA)

Pois era o doutor e nós não a conhecemos?

GRACIANO (a NERISSA)

Eras tu o escrivão, que tão bem me enganou?

NERISSA

Enganar eu!! Isso é bom para os homens!

BASSANIO (a PORCIA)

Estimabilissimo doutor, sempre será meu; na minha ausencia permitto-te a companhia de Porcia.

ANTONIO (depois de ler)

Minha senhora, deu-me a vida e os meios para viver bem; esta carta dá-me a certeza dos meus navios terem chegado a salvamento a Veneza.

PORCIA

O meu escrivão tambem lhe traz boas novas, Lourenço.

NERISSA

Sim, mas dal-as-hei d'esta vez sem receber paga. Entrego ao senhor e a Jessica uma declaração em fôrma, pela qual o opulento judeu lhes lega por sua morte a posse de todos os seus bens e haveres.

LOURENÇO

Bellas senhoras, são verdadeiros anjos de caridade, que espalham o benefico manná para allivio dos desditosos.

PORCIA

Está a romper a aurora, e apesar d'isso creio que teriam empenho em conhecer todas as circumstancias d'este facto; entremos em casa, interroguem-nos sobre todos os pormenores. e nós lhes responderemos com toda a sinceridade.

GRACIANO

Com mil vontades! A primeira pergunta que faço é a Nerissa, se sendo já tão tarde, não prefere deixar isso para amanhã. Em quanto a mim sempre estaria disposto a fazer essas perguntas, quer seja noite, quer seja dia. Hoje a unica cousa que receio é perder o anel de Nerissa. Vamos. (Afastam-se todos.)

Fim do quinto e último acto

